



Faculdade de Ciências Jurídicas e de Ciências Sociais

Curso de Relações Internacionais

**MÍDIA E POLÍTICA ECONÔMICA: UMA ANÁLISE À LUZ DA PERSPECTIVA
NEOLIBERAL ESTRANGEIRA SOBRE A CANDIDATURA DE LUIZ INÁCIO LULA
DA SILVA NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS DE 2002**

BRASÍLIA

2007

VINICIUS DA SILVA PEREIRA

MÍDIA E POLÍTICA-ECONÔMICA:

Uma análise à luz da perspectiva neoliberal sobre a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais brasileiras de 2002.

Monografia apresentada como requisito para
conclusão do curso de bacharelado em
Relações Internacionais do Centro
Universitário de Brasília

Orientador: Prof^ª. Meireluce Fernandes

BRASÍLIA

2007

VINICIUS DA SILVA PEREIRA

**MÍDIA E POLÍTICA-ECONÔMICA:
Uma análise à luz da perspectiva neoliberal sobre a candidatura
de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais brasileiras
de 2002.**

Banca Examinadora:

Prof^a. Meireluce Fernandes
(Orientadora)

Prof^o Frederico Seixas Dias
(Membro)

Prof^o Alaor
(Membro)

BRASÍLIA

2007

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por estar sempre comigo provendo sempre no momento certo tudo aquilo que eu preciso. Agradeço à minha família, meus pais Alfredo e Salete Pereira que com muito esforço investiram no meu sucesso profissional.

Também agradeço ao Professor Carlos Brito, que me incentivou e me apoiou nos seis primeiros meses de pesquisa. Agradeço da mesma forma à Professora Meirelucé Fernandes da Silva, dedicação e sabedoria, os quais foram imprescindíveis para a finalização deste trabalho.

SUMÁRIO

SIGLAS	III
RESUMO.....	IV
ABSTRACT.....	V
INTRODUÇÃO.....	1
1 MARCO CONCEITUAL TEÓRICO.....	4
1.1 CONCEITUAL CENTRAL À ANÁLISE.....	4
1.1.1 <i>Eleições</i>	4
1.1.2 <i>Liberalismo/Neoliberalismo</i>	13
1.2 ABORDAGEM TEÓRICA QUE AMPARA A ANÁLISE	25
1.2.1 <i>Agenda Setting</i>	25
2 ESTUDO DE CASO.....	38
3 ANÁLISE CRÍTICA.....	41
3.1 POLÍTICA	76
3.2 ECONOMIA.....	81
CONCLUSÃO.....	91
BIBLIOGRAFIA	93

SIGLAS

- FHC - Fernando Henrique Cardoso
- FMI - Fundo Monetário Internacional
- OMC - Organização Mundial do Comércio
- PIB - Produto Interno Bruto
- PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro
- PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira
- PT - Partido dos Trabalhadores

RESUMO

Com o objetivo de mostrar o poder da mídia sobre a política-econômica, este estudo faz uma análise à luz da perspectiva neoliberal estrangeira sobre a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais brasileiras de 2002. Para um maior entendimento da análise é conceituado eleições e suas peculiaridades no Brasil, Liberalismo e Neoliberalismo e suas frentes de pensamento e ideal, e *Agenda Setting* como marco teórico de análise midiática. Esta análise é sobre o que a revista britânica *The Economist* publico no segundo semestre de 2002 a respeito do futuro do Brasil sob a presidência de Lula. Com esta análise é possível perceber claramente as idéias neoliberais da mídia e sua influência nas eleições brasileiras.

ABSTRACT

With the objective to show the media power about economic-policy, this research makes an analysis under foreign neoliberal perspective about the candidacy of Luiz Inácio Lula da Silva in Brazilian presidential elections in 2002. To better understand the analysis the meaning of election and its peculiarity in Brazil, liberalism and neoliberalism and its ideal and thoughts, and Agenda Setting as theory mark of media analysis. This analysis is based in what The Economist, a British magazine published in the second semester of 2002 about the future of Brazil with Lula as President. Through it is possible to note clearly the neoliberal ideas and its influences at the Brazilian elections.

Key-words: Media, Economic-Policy, Election, Liberalism, Neoliberalism, Agenda Setting, The Economist.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa discutirá as críticas especulatórias da mídia internacional, durante o período pré-eleições no Brasil em 2002. O estudo concentra-se nas notícias que uma das principais revistas internacionais de orientação liberal, qual seja, *The Economist* publicou durante esse período, prevendo as possíveis mudanças na política econômica brasileira, caso o então candidato metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva ganhasse as eleições.

O período analisado se destaca por ter sido um tempo em que o Brasil sofreu severas críticas de parte influente da mídia internacional, a partir de previsões sensacionalistas. Dentre as repercussões geradas por essas críticas, canalizadas pela mídia especializada, destaca-se a alta na cotação do dólar, o qual chegou ao seu maior valor na história do Real¹, além do Risco País² ter atingido alarmantes 2294 pontos.

Por se tratar de uma abordagem acadêmica, este estudo foi desenvolvido em três capítulos. O primeiro é composto pelo Marco Conceitual e Teórico, onde primeiramente são abordados os conceitos de eleições e suas peculiaridades, bem como o Processo Eleitoral brasileiro e suas regras de funcionamento. O conceito de Liberalismo e Neoliberalismo também é abordado neste primeiro capítulo. A definição deste último é importante, pois este estudo trata da demonstração da perspectiva deste posicionamento ideológico.

¹ A cotação mais alta da história do real aconteceu no dia 16 de outubro de 2002, quando o dólar chegou a custar R\$3,915.

² Também conhecido como Risco Brasil, o Risco País é um índice denominado *Emerging Markets Bond Index Plus* e mede o grau de perigo que um país representa para o investidor estrangeiro. O índice é calculado por agências de classificação de risco e bancos de investimentos, o principal deles é o J.P. Morgan.

O presente trabalho é fundamentado na análise da mídia, no caso a *The Economist*, portanto, ainda no primeiro capítulo é também apresentado a teoria da *Agenda Setting*, que parte do princípio de que as pessoas não respondem diretamente aos fatos do mundo real, mas que estas vivem em um pseudo-ambiente composto pelas imagens criadas em suas cabeças, e no entanto a mídia teria um papel importantíssimo no fornecimento desta imagens e na configuração deste pseudo-ambiente.

No segundo capítulo, apresenta-se o estudo de caso, com trechos publicados pela revista britânica *The Economist*, durante os meses de julho a dezembro de 2002. São trechos que fazem menção ao então candidato Luiz Inácio Lula da Silva e o futuro do Brasil.

E por fim, no terceiro capítulo é apresentado a análise crítica desse segundo semestre de 2002, abordado pela revista *The Economist*. Baseada na teoria anteriormente apresentada, a *Agenda Setting*, o capítulo é dividido em análise do ideal político e econômico neoliberal.

PROBLEMA

Esta monografia consiste em identificar e analisar declarações feitas pela *The Economist* e o poder de influência que esta teve sobre o cenário político-econômico do país. Podemos dizer que as mídias são, atualmente, os espaços públicos em que os fatos acontecem, e como estes acontecimentos são produzidos e cobertos no tempo do jornalismo. Enfim, não deixa de ser um modo de entender como os fatos existem, ainda que seja no nível do imaginário.

OBJETIVO DA PESQUISA

O objetivo desta pesquisa é detectar os impactos causados no setor político-econômico pela mídia especulatória, bem como incentivar investidores e políticos a reverem suas fontes de informação, que irão nortear suas decisões.

1 MARCO CONCEITUAL E TEÓRICO

1.1 Conceitual central à análise.

O presente capítulo é dedicado ao exame dos principais conceitos e das abordagens teóricas relacionadas com o objeto de estudo da pesquisa proposta. Entende-se que esse esforço conceitual-teórico é importante por causa de dois motivos principais: primeiro, confere uniformidade à linguagem utilizada na pesquisa e, segundo, proporciona uma estrutura sólida de análise científica. Assim, os conceitos a serem investigados são os de Eleição, Liberalismo e Neoliberalismo. Em seqüência, analisar-se-á tal perspectiva teórica, intitulada *Agenda Setting*. Não é objeto nem intenção desta monografia, portanto, promover o debate teórico, em especial, entre as diferentes imagens teóricas da Teoria das Relações Internacionais.

1.1.1 Eleições

Em termos didáticos, entende-se por Eleição o processo pelo qual um grupo de pessoas escolhe um de seus integrantes, para ocupar um cargo por meio de uma votação, onde cada indivíduo expressa a sua opinião. Ou simplesmente, segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Larousse Cultural: “ELEIÇÃO s.f. (lat. electio). 1. Escolha, opção; preferência. 2. A escolha de uma pessoa, por meio de votos, para ocupar um cargo ou desempenhar uma função³(...)”.

³ Função esta seja pública ou privada. Mas como se trata de um período de estudo quando se escolhe um Presidente da República, vamos tentar definir a *Eleição* objetivando função pública presidencial.

Assim também como o verbo *eleger*, o substantivo *eleição* tem origem do verbo latim *eligere* que significa escolher, e o substantivo *electone* que significa escolha, já mencionada acima.

Nos sistemas democráticos de governo, eleição é o modo pelo qual se escolhem os legisladores, o Chefe do Poder Executivo e, eventualmente, também outras autoridades.

No Brasil, este direito de Eleição é assegurado pelo Direito Constitucional que, por sua vez, faz gerar o Direito Eleitoral. Este faz parte do ramo do Direito Público que abrange o processo administrativo-eleitoral, o qual regula principalmente, os direitos e deveres do cidadão para participar, diretamente, na formação dos Poderes Executivos e Legislativos do País, assim como tratar de assuntos políticos a ele relacionados.

A constituição brasileira é a fonte originária da legislação eleitoral. Em 1988, restabeleceu de forma pétrea⁴ o sistema de votação para todos os cargos eletivos⁵, conforme a tradição republicana, que foi interrompida nos períodos de 1930 a 1945 e de 1964 a 1985.

No ato de votar, o eleitor exerce, de direito e de fato, a soberania popular, a que se refere o art. 14º da Constituição Federal, e da concretude de que todo poder emana do povo. Através do voto, o eleitorado confere a legitimidade aos eleitos, dando a estes o mandato para legislar e governar, atribuindo-os o poder para determinar o futuro da nação, fazendo assim cumprir o parágrafo único do art. 1º da Constituição Federal, que os poderes do Estado são

⁴ O princípio da eleição direta esta entre os considerados dispositivos pétreos da CF, enumerados no § 4º do art. 60, e não será objeto de deliberação e proposta de emenda constitucional tendente a abolir, entre outros o, voto direto, secreto, universal e periódico.

⁵ São feitas as eleições no país para Presidente e Vice-Presidente da República, Deputados Federais, Governadores e Vice- Governadores, Deputados Estaduais e Distritais, Prefeitos e Vice-Prefeitos, e vereadores, todos com quatro anos de mandato, e Senadores com oito anos de mandato. Os Juizes de Paz também são eleitos – CF art. 98 II.

exercidos em nome do povo, que delega pelo povo. A Constituição Federal garante o exercício da soberania popular, atribuindo poderes aos cidadãos para interferirem na condução da coisa pública, seja direta ou indiretamente.

As eleições podem ser divididas em diretas e indiretas. A primeira, é quando o eleitor vota nominalmente no candidato ou no partido de sua preferência. Já a segunda, é quando o eleitor escolhe os membros de um colégio eleitoral e que este, por sua vez, elege as autoridades em questão⁶.

O Brasil possui o sistema de eleições diretas. Um direito que começou a ser conquistado em 1984, com manifestações do “Diretas Já”. Naquele ano, milhões de pessoas saíram às ruas numa das mais fortes afirmações de cidadania de nossa história. Esta mobilização não alcançou seus objetivos de imediato, mas ajudou a construir a democracia brasileira e a soberania popular. Somente em 1989, o Brasil teve a sua primeira participação direta nas eleições.

Desde então, todo brasileiro passou a usufruir de direitos políticos. Estes direitos são normas que regulam as formas de atuação da soberania popular, ou seja, são os direitos e as obrigações concedidas ao povo para o pleno exercício de sua cidadania. Os direitos políticos podem ser classificados em positivos e negativos.

Os direitos políticos positivos são normas que asseguram a participação do indivíduo no processo eleitoral, incluindo a capacidade eleitoral ativa; que é o direito ao voto

⁶ Podem ocorrer eleições indiretas pelo Congresso Nacional em caso de vacância permanente dos cargos de Presidente e Vice Presidente da República nos dois últimos anos do respectivo mandato. Caso falem mais de dois anos, serão convocadas novas eleições diretas no prazo de 90 dias.

simplesmente, e a capacidade eleitoral passiva; que se dá no direito de votar e também ser votado, ou seja, são cidadãos que poderão ser eleitos para ocupar cargos públicos.

Já os direitos políticos negativos são os que estabelecem normas que impedem ou restringem a participação do indivíduo no processo político eleitoral, como por exemplo, os casos de inelegibilidade⁷. São inelegíveis: os militares conscritos; aqueles que estão cumprindo o serviço militar obrigatório; estrangeiros, pois a estes é vedado o alistamento eleitoral, ou seja, são inalistáveis; e os analfabetos.

Para o cidadão poder participar de uma eleição é necessário fazer o Alistamento Eleitoral, que é o ato de formalizar a aquisição de direitos políticos pelo cidadão politicamente capaz. É obrigatório para maiores de 18 anos, e facultativo para os analfabetos, maiores de 70 anos e maiores de 16 anos, desde que tenha menos de 18 anos.

É importante ressaltar que, pela lei, só é considerado cidadão aquele que fizer gozo dos direitos políticos, ou seja, ser portador do título de eleitor.

O Código Eleitoral Brasileiro também estabelece critérios de elegibilidade, trazendo como requisitos essenciais:

- A nacionalidade, lembrando que o texto constitucional distingue cargos privativos de brasileiros natos, tais como de Presidente da República, do Presidente da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, do Ministro do Supremo Tribunal Federal, do Ministro da Defesa, Oficiais das Forças Armadas e Chefe de Missão Diplomática.

⁷ Os analfabetos poderão votar (direito positivo), mas não poderão ser votados (direito negativo), pois são considerados inelegíveis.

- Idade, 18 anos para Vereador; 21 anos para Deputado Estadual e Distrital, Prefeito e Vice-Perfeito; Deputado Federal; 30 anos para Governador e Vice-Governador; 35 anos para Presidente e Vice-Presidente da República e Senador.
- Gozo dos direitos políticos (direito de voto).
- Filiação partidária⁸, o candidato deverá ser inscrito por partido político.
- Domicílio eleitoral de, no mínimo, um ano na localidade a qual pretenda concorrer. É importante ressaltar que o domicílio eleitoral é diferente do domicílio habitual, pois, aquele se refere ao domicílio político do cidadão, ou seja, onde está registrada a sua inscrição eleitoral, o habitual é aquele onde fixa a sua moradia.
- Ser alfabetizado.

Vale também fazer uma relevante observação sobre a elegibilidade dos militares. O militar alistável, ou seja; aquele que não está cumprindo o serviço militar obrigatório; este é elegível, se contar menos de dez anos de serviço, deverá afastar-se da atividade; e se contar mais de dez anos de serviço, será agregado pela autoridade superior e, se eleito, passará automaticamente, no ato da diplomação, para a inatividade.

O voto, no sistema eleitoral brasileiro, é secreto, direto e universal, e é cláusula pétrea da nossa atual Carta Magna⁹. É importante dizer que a obrigatoriedade do voto não é uma cláusula pétrea na nossa Constituição, pois, a qualquer momento, por exemplo, uma emenda

⁸ “O partido político, pessoa jurídica de direito privado, destina-se a assegurar, no interesse do regime democrático, a autenticidade do sistema representativo e a defender os direitos fundamentais definidos na Constituição Federal”.
(Lei nº 9.096, artigo 1º)

⁹ Constituição Federal, Artigo 60, § 4º.

constitucional poderá tornar o voto facultativo, e não mais obrigatório. Mas isso é tema para um outro debate.

Os portadores de necessidades especiais também devem cumprir as obrigações eleitorais; contudo, o eleitor pode requerer junto ao Juiz Eleitoral uma certidão de quitação eleitoral com prazo de validade indeterminado¹⁰, ou ser acompanhados por alguém de sua confiança até a cabine de votação¹¹.

Já sobre o voto no exterior, observar-se-á o que dispõe a Resolução nº 22.155/2006, oriunda do Tribunal Superior Eleitoral. O eleitor que se encontra no exterior poderá votar no âmbito das eleições presidenciais, desde que tenha requerido sua inscrição ao juiz da Zona Eleitoral do exterior em até 150 dias antes da realização da respectiva eleição.

O cadastro dos eleitores residentes no exterior ficará sob responsabilidade do Juiz da Zona Eleitoral do exterior; o seu alistamento também será feito por meio do Requerimento de Alistamento Eleitoral, que deverá ser entregue nas sedes das embaixadas e repartições consulares, com jurisdição sobre a localidade de sua residência. Os formulários de inscrição serão fornecidos pelo juiz da Zona Eleitoral do exterior ao Ministro das Relações Exteriores, que os repassará às missões diplomáticas e às repartições consulares.

As Seções Eleitorais para primeiro e segundo turnos de votação serão organizadas em até 60 dias antes da eleição e funcionarão nas sedes das embaixadas, em repartições consulares ou em locais em que funcionem serviços do Governo brasileiro.

¹⁰ Resolução do Tribunal Superior Eleitoral nº 21.920/2004.

¹¹ Resolução do Tribunal Superior Eleitoral nº 21.819/2004.

Os Juízes eleitorais, sob a coordenação dos Tribunais Regionais Eleitorais também podem criar seções eleitorais especiais em penitenciárias, a fim de que os presos provisórios tenham assegurado o direito de voto. Assim sendo, será permitida a presença de força policial e de agente penitenciário, a menos de cem metros do local de votação.

Com todos esses serviços de acesso e logística que a Justiça Eleitoral oferece para o cidadão brasileiro não há, desculpa para não participar das eleições. Porém, segundo a Resolução do Tribunal Superior Eleitoral nº 22.155/2006, Artigo 74, o eleitor que não estiver em seu domicílio eleitoral ou se encontrar impedido por motivo diverso, deverá justificar o seu voto por meio do formulário de Requerimento de Justificativa Eleitoral, que será fornecido gratuitamente, no período de dez dias antes das eleições até o encerramento da votação do segundo turno, nos cartórios, na internet, e no dia das eleições eles estarão disponíveis nos próprios locais de votação. E caso o cidadão demore mais de 60 dias para justificar a inadimplência na eleição, incorrerá em multa¹² imposta pelo Juiz Eleitoral e cobrada na forma prevista no Código Eleitoral.

Sem a prova de que votou na última eleição, pagou multa devida ou de que se justificou devidamente, não poderá o eleitor¹³:

- Inscrever-se em concurso público, investir-se ou empossar-se em função pública;
- Receber vencimentos, remuneração, salário ou proventos de função ou emprego público, autárquico ou paraestatal, bem como fundações governamentais, empresas, institutos e sociedades de qualquer natureza;

¹² Ao eleitor ou alistado que comprovar devidamente seu estado de pobreza, este será isento de multa.

¹³ Código Eleitoral artigo 7º, § 1º, incisos.

- Participar de concorrência pública ou administrativa;
- Obter empréstimos nas autarquias, sociedades de economia mista, caixas econômicas federais ou estaduais, nos institutos e caixas de previdência social;
- Obter passaporte ou carteira de identidade;
- Renovar matrícula em estabelecimento de ensino oficial ou fiscalizado pelo Governo;
- Gratificar qualquer ato para o qual se exija quitação do serviço militar ou imposto de renda.

Com os eleitores devidamente alistados e os candidatos inscritos, as eleições realizar-se-ão simultaneamente em todo o País, no primeiro domingo de outubro do ano da eleição.

O sistema de eleição no Brasil é dividido em dois tipos; o Sistema Majoritário e o Sistema Proporcional.

O Sistema Majoritário é previsto para a eleição de chefes do Poder Executivo da União, Estados e Municípios, bem como para a eleição dos Senadores, sendo que vencerá, em primeiro turno, aquele que obter maioria absoluta dos votos válidos. Em caso de segundo turno, será eleito aquele que ganhar a maioria dos votos válidos. Se nenhum candidato à Presidência da República e Governador, bem como nos Municípios que tenham mais de 200 mil eleitores, não alcançar a maioria absoluta na primeira votação, far-se-á nova eleição, no último domingo de outubro do ano da eleição, concorrendo os dois candidatos mais votados.

Já o sistema proporcional visa a representação da população de determinada circunscrição eleitoral, almejando assegurar a participação dos diversos segmentos da sociedade, organizada em partidos políticos. Por meio da eleição proporcional, são escolhidos os Vereadores, Deputados Estaduais e Distritais (no caso do Distrito Federal) e Deputados Federais. Diferentemente do sistema majoritário, na representação proporcional nem sempre o candidato mais votado será eleito. É necessário que seu partido, ou coligação, receba da população que deseja representar um mínimo de apoio manifestado pelo voto. Esse mínimo de apoio popular é verificado por meio do quociente eleitoral, que é a divisão de todos os votos válidos pelo número de vagas a serem preenchidas. Assim, só poderão concorrer à distribuição dos lugares, os partidos e coligações, cuja soma dos votos válidos tenham alcançado o quociente eleitoral¹⁴.

Hoje o voto no Brasil é feito por meio da urna eletrônica. O voto eletrônico foi implantado a partir de 1996, nas eleições municipais, quando, segundo os critérios estabelecidos pelo Tribunal Superior Eleitoral, apenas os municípios com mais de 200 mil eleitores utilizaram-se da urna eletrônica.

Em 1998, no processo de ampliação da votação eletrônica, o critério de eleitorado foi alterado, alcançando todos os municípios com mais de 40.500 eleitores.

E, em 2000, pela primeira vez no Brasil, as eleições foram informatizadas em 100% do território nacional.

¹⁴ Quociente eleitoral é o número mínimo de votos necessário para que o partido político obtenha uma cadeira na Casa Legislativa. O quociente partidário é a divisão do número de votos válidos de um partido pelo quociente eleitoral.

Segundo a Justiça Eleitoral, a votação eletrônica é feita pelo número do candidato ou da legenda partidária, devendo o nome e a fotografia do candidato, assim como a sigla do partido político, aparecer no painel da urna, com o respectivo cargo disputado.

A urna exibe ao eleitor, primeiramente, os painéis referentes às eleições proporcionais e, em seguida, os referentes às eleições majoritárias.

O recebimento dos votos termina às 17 horas, desde que não haja eleitores presentes¹⁵. Caso haja, haverá distribuição de senha entre os remanescentes.

Contabilizados os votos e os eleitos anunciados, estes serão diplomados até o dia 19 de dezembro do ano de eleição. O diploma eleitoral é o documento expedido pelos Tribunais Eleitorais que confere ao candidato vencedor a prova de que pode exercer o respectivo mandato em toda sua plenitude.

1.1.2 *Liberalismo/Neoliberalismo*

O Liberalismo ganhou espaço nos debates das Relações Internacionais por afirmar que existem outros atores além dos Estados, e que a economia tem um papel fundamental nas relações internacionais. Os liberais também afirmam que existe um pluralismo doméstico, e desse pluralismo nasce o interesse nacional. Com isso, não se pode falar de interesse nacional e de política internacional sem falar de política doméstica, conectando assim o espaço doméstico e o espaço internacional. Vamos estudar mais à frente que para os liberais, o papel dos Estados nas relações internacionais e assim como a interdependência são afetadas pelas questões de poder. Restando então duas opções para os Estados; ou se fechar totalmente, ou se

¹⁵ Código Eleitoral, artigo 144.

internacionalizar através de instituições internacionais. A interdependência seria uma forma de dependência mútua e complexa. Existiria também uma harmonia natural, onde a cooperação entre atores seria uma necessidade, pois, como cada unidade não consegue produzir todos os produtos sozinha, precisaria da ajuda das demais.

O Liberalismo clássico tem sua origem mais antiga em pensadores como Aristóteles e Cícero. Também podemos encontrar algumas raízes liberais no humanismo que se iniciou com a contestação da autoridade das igrejas durante o Renascimento, na Revolução Gloriosa na Grã-Bretanha, cuja defesa do direito de escolherem o seu próprio rei pode ser vista como precursora das reivindicações de soberania popular. Entretanto, os movimentos geralmente tidos como verdadeiramente liberais surgem durante o Iluminismo, particularmente o partido Whig da Inglaterra, os na França e o movimento defensor do auto-governo na América colonial. Todos estes movimentos eram de oposição à monarquia absoluta, mercantilismo, e diversas formas de ortodoxia religiosa e clericalismo. Foram também estes os primeiros a formular os conceitos de direitos individuais, bem como da importância do auto-governo através de representantes eleitos.

Com a Guerra Fria aproximando-se do seu final, observou-se um movimento de resgate das proposições da teoria liberal de Relações Internacionais, a partir dos trabalhos de juristas internacionais e teóricos da política internacional. No rastro da percepção de que a globalização acentuou a importância dos atores não-estatais, os liberais propõem o enfoque sobre o papel dos atores sociais na formação dos interesses estatais, que não são mais considerados exógenos e fixos; como propunham realistas e institucionalistas; mas determinados a partir das relações sociais estabelecidas em âmbito doméstico e transnacional.

Muito confundido com o Idealismo em vários aspectos, o Liberalismo é uma das frentes filosóficas mais antigas e polêmicas no âmbito das Relações Internacionais. Em vários aspectos, ambos compartilham idéias em comum, mais especificamente em relação ao pacifismo democrático e Kant, um dos principais filósofos idealista. Em contrapartida, a crença nas instituições e na vontade de cooperação foi associado ao Idealismo, que podemos também considerar que é uma teoria que praticamente desapareceu depois do Primeiro Debate das Relações Internacionais com vitória do Realismo.

Alguns conceitos do Liberalismo que serão expostos aqui, ainda são relevantes no debate contemporâneo das Relações Internacionais.

Segundo Michael W. Doyle¹⁶ em seu livro *Liberalism and World Politics*, o Liberalismo possui três frentes; o Liberalismo Pacifista, o Liberalismo Imperialista e o Liberalismo Internacionalista.

Em seu livro, *Sociologia dos Imperialismos*, o economista Schumpeter declara que a associação entre os fundamentos capitalistas e a democracia traria os benefícios da paz duradoura. Para ele, o imperialismo é a disposição estatal de uma ilimitada expansão pela força. Desta forma, o imperialismo de seu tempo seria o resultado da combinação de uma máquina de guerra com os comportamentos monopolísticos de exportação. Assim sendo, o desejo de dominação econômica leva o Estado a ativar a sua máquina de guerra para conquistar novos territórios, a fim de satisfazer as necessidades de expansão do capital, para além das saturadas fronteiras do território nacional e para enfrentar as fronteiras fechadas por altas tarifas impostas por outros países. O problema é: uma vez que a máquina de guerra é acionada, ela assume vida

¹⁶ DOYLE, M. W. Liberalism and world politics. *American Political Science Review*, v. 80, nº4, dezembro 1986.

própria e passa a controlar a política externa do Estado, criando outras guerras que alimentem essa máquina.

Schumpeter considera que o capitalismo e a democracia são vetores pacíficos, caso sejam devidamente manuseados, poderiam derrubar o imperialismo. É certo que o capitalismo produz uma sociedade econômica, que por sua vez estaria mais preocupada em trabalhar e ganhar o seu dinheiro. Isso desenvolve na sociedade um racionalismo forte. E essa força impulsionaria o vetor democracia, que é baseada no direito de escolha dos indivíduos. Pois, o imperialismo atende somente uma pequena elite da sociedade que se beneficia com o expansionismo. Assim, quando o comércio-livre prevalece, todos ganham, todos teriam acesso livre à matéria-prima e comida, como se fosse disponível em seu próprio território.

Para exemplificar, o jornalista Thomas L. Friedman¹⁷, em sua teoria dos arcos dourados, diz que não existe guerra entre territórios que tenham McDonald's. Vide a relação entre Israel, Jordânia e Arábia Saudita, não existe conflito entre elas desde a chegada da rede de lanchonetes. Em contrapartida, a Síria, o Irã e Iraque, que não tem McDonald's são massacradas por guerras atrás de guerras.

Não é objetivo deste trabalho fazer apologia à rede McDonald's, mas sim tentar explicar que a verdadeira razão está em torno daquilo que ela representa, ou seja, na era da globalização e aumento da interdependência econômica, o preço que se paga por uma guerra é altíssimo. Empresas como esta estão instaladas em lugares relativamente capitalistas onde existem pessoas que tenham prazer em consumir. Este tipo de sociedade está cada vez mais

¹⁷ FRIEDMAN, T.L. *O lexis e a oliveira: entendendo a globalização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999, p.251.

voltada para o trabalho, para a vontade de ganhar dinheiro e gastá-lo com viagens, e com alimentos como o do McDonald's, do que se envolver em conflitos internacionais.

Todos nós sabemos que as novas guerras surgem ao redor no mundo. Mas grande parte delas são em regiões onde o McDonald's não está, pois a sociedade é pobre e instável.

A conclusão de Friedman é simples:

“(...) os líderes desses países se defrontam com duas opções: McDonald's ou Kosovo. Ou eles engajam a economia de seus países na globalização, o que implica o fortalecimento do capitalismo internamente e dos laços comerciais com o mundo, ou submeterão seus países eternamente a intermináveis guerras ideológicas que levarão ao aprofundamento da miséria”.¹⁸

Uma outra vertente do Liberalismo é o Imperialista que está associada às idéias da República de Maquiavel, na qual há a presença da democracia, no sentido de o povo controlar os governantes. Segundo essa vertente, até mesmo um povo que é representado pela democracia teria o desejo de formar um exército, para não ser reprimido por outros povos. Pode-se concluir que nesta sociedade existe algo muito além do que somente satisfazer as necessidades materiais, gerando então o imperialismo. Vide as diversas intervenções dos Estados Unidos no pós-guerra.

Immanuel Kant encabeça a vertente do Liberalismo Internacionalista com o seu trabalho; Paz Perpétua, em 1795. Para ele os Estados deveriam ser repúblicas nas quais os cidadãos definem suas vontades. Deste modo, o Chefe de Estado deve pesar a vontade do povo antes de qualquer decisão, ao contrário do que ocorre com governos absolutistas ou ditatoriais.

¹⁸ FRIEDMAN, T.L. *O lexis e a oliveira*: entendendo a globalização. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999, p.251 apud. SARFATI, Gilberto. *Teoria das Relações Internacionais: Liberalismo*. São Paulo: Saraiva, 2005, p.103.

Para Kant, democracia não é unicamente necessária à paz, é preciso que os Estados se respeitem uns aos outros por meio de um federalismo refletido em uma liga de paz, que conseqüentemente, torna-se essencial à promoção de regras de relacionamentos comuns que impeçam que um interfira em assuntos internos do outro.

Kant se baseia em dois pilares. O primeiro, é o republicanismo democrático e o segundo, é a união dos Estados liberais por meio de uma federação, para que haja a promoção da paz. Por conseqüência, a mais poderosa idéia do Liberalismo internacionalista pacifista é a de que Estados liberais democráticos não façam guerra entre si.

É importante deixar claro que o Liberalismo não é pacifista com regimes não-liberais. A história das guerras no século passado e deste explica muito bem esta questão.

Esta teoria de Kant nos explica que existe um caminho para a paz e esta passa necessariamente por três artigos definidos da paz:

- A constituição civil do Estado deve ser republicana: pode-se entender republicana aquela sociedade que conseguiu resolver o problema de combinar autonomia moral, individualismo e ordem social. Na esfera privada, o problema é resolvido por meio da propriedade privada e economia de mercado, enquanto que na esfera pública a tirania é evitada pela liberdade jurídica, que implica um governo representativo com separação entre os poderes e a criação e aplicação de leis que afetem os cidadãos de forma indiscriminada.
- A paz é progressivamente alcançada por meio da federação (união) pacífica: sabe-se que a federação busca defender o direito dos Estados sem ser uma organização internacional ou um tratado de paz, mas ela representa um

grande pacto de não-agressão, uma espécie de comunidade de segurança internacional, pautada pelo direito internacional em que os Estados continuam a reter suas soberanias, já que a idéia de um Estado mundial não é somente inviável como ainda pode acabar em um governo tirânico.

- Estabelecimento da Lei Cosmopolitana: isto é, a república em questão deixa clara a sua hospitalidade aos estrangeiros, o que não significa oferecer-lhes cidadania ou direito de estabelecer no país, mas, sim, promover o comércio e o turismo entre os países. Obviamente, a conquista estrangeira de territórios não surge com algo aceitável nessa lei.

Kant também defende a idéia de estipular um elemento pacificador, ele sugere que este seja o constitucional republicano interno a um Estado, ou seja, a divisa de poderes, juntos a democracia e o Estado de direito irão impedir que o governo engaje aleatoriamente em uma guerra. Mas sabe-se, porém, que isto não é suficiente para impedir as guerras, apenas trará uma ponderação de quando é factível se entrar em guerra. Quando esses regimes liberais se expandem, entra-se no campo da construção do direito internacional, ou seja, se no campo interno é necessário garantir os direitos constitucionais, no externo é necessário respeitar a soberania dos outros Estados. Deste modo, havendo este respeito ao direito internacional é gerado um ambiente propício às cooperações internacionais, que, por sua vez garante um aprofundamento no relacionamento futuro entre os países nele envolvidos, além é claro dos benefícios mútuos.

Oxalá, as guerras não serão impedidas entre os Estados liberais e os governos não-liberais, pois é normal que primeiro entendam que o últimos sejam governos ilegítimos, pois agridem sua própria população, assim, sua relação com os governos liberais é no mínimo suspeita. Em suma, em último caso, os governos não-liberais são, por definição, uma constante ameaça a Estados com governos liberais.

Ainda que tais variantes do Liberalismo aqui descritas por Doyle puderem ser facilmente aplicadas em debates contemporâneos, o Liberalismo vem sendo encarado sistemática e contemporaneamente como uma teoria capaz de lidar com assuntos da realidade das relações internacionais. Andrew Moravcsik em seu livro *International Organization*, diz que o Liberalismo é uma linha teórica tão atual, quanto o Neo-Liberalismo-Institucional ou o Neo-Realismo. E assim como Doyle, atualmente Moravcsik propõe que o Liberalismo seja baseado em três suposições:

- A primazia dos atores sociais: os atores fundamentais das relações internacionais são os indivíduos e grupos privados que são, em média, racionais e avessos ao risco e organizam trocas e ações coletivas de forma a promover interesses diferenciados sob restrições impostas pela escassez de material, valores conflitantes e variações no poder de influência social.
- Representação e preferências estatais: são os Estados (assim como as demais instituições políticas) representam uma parcela da sociedade doméstica e agem movidos pelos interesses dessa mesma parcela.
- Interdependência e o sistema internacional: a configuração das preferências de Estados interdependentes determina o seu comportamento. Em outras palavras, apesar de os interesses estatais serem formados pré-socialmente, ou seu comportamento é uma função dos interesses de outros Estados.

Toda e qualquer doutrina deve ser entendida como resultado de uma oposição. Ela se estrutura para combater algum princípio que lhe desagrade ao mesmo tempo em que procura oferecer-lhe uma alternativa. Com o neoliberalismo não foi diferente. Suas raízes teóricas mais remotas encontram-se na chamada escola austríaca; reconhecida por sua ortodoxia no campo do pensamento econômico; que por sua vez, se centralizou em torno de Leopold von

Wiese, da Faculdade de Economia de Viena; na segunda metade do século XIX e que ficou conhecido por seus trabalhos teóricos sobre a estabilidade da moeda, especialmente o publicado com o título “O Valor Natural” em 1889.

Já entrando na esfera das Relações Internacionais, a análise da relação entre os Estados e a ausência de uma autoridade central; a anarquia; constituiu o impulso inicial do campo de estudo específico, após a Primeira Guerra Mundial. Neste contexto, houve um predomínio da teoria realista e mais recentemente, da síntese neo-neo; Neorealismo e Institucionalismo Neoliberal; todas possuindo uma visão positivista e estado-cêntrica.

Nos anos 90, o panorama da disciplina de Relações Internacionais é afetado pela erosão da ordem mundial da Guerra Fria e pelas dificuldades das teorias predominantes em sua previsão e explicação. No entanto, o mundo moderno das relações internacionais não podia ser caracterizado pelo caos e pelo estado de natureza de guerra que assombrava o mundo naquele momento; e que por sua vez Hobbes já havia previsto no século XVII; pois esse mundo moderno tem algum grau de ordenamento, caracterizado pelas instituições internacionais.

Desde então esta abriu um espaço maior para as teorias críticas que a partir de 1980 foram fundados por Richard Ashley e Robert Cox.

Esta convergência entre neorealistas e neoliberais dá origem a um trabalho chamado *International Institutions and state power* de Robert Keohane, onde pela primeira vez é apresentado o nome Teoria Neoliberal Institucionalista.

Portanto, segundo Keohane, para conhecimento do mundo moderno, devemos manter em mente os conceitos de descentralização e institucionalização. Esta institucionalização são regras estabelecidas, ou normas, ou convenções, reconhecimentos diplomáticos, liderados por entendimentos formais ou não-formais.

A idéia básica desta corrente é a de que a habilidade dos Estados de se comunicar e cooperar depende da construção de instituições que podem variar em termos de sua natureza e força. Isso não implica dizer que os Estados ignorem o poder ou a riqueza uns dos outros, mas que as ações dependerão dos arranjos institucionais presentes que podem afetar três pilares importantes; o fluxo de informações e a oportunidade de negociar, a habilidade dos governos de monitorar os compromissos assumidos pelos outros países e a expectativa sobre a solidez dos acordos internacionais.

Para os neoliberais os acordos internacionais não são facilmente alcançáveis e mantidos, mas que a habilidade dos Estados de se comunicar uns com os outros depende da construção de instituições que serão mais ou menos fortes, em função do assunto e da época histórica. Deste modo, podemos concluir que o Neoliberalismo está preocupado em investigar como as instituições afetam o comportamento dos Estados e, para isso, assume as duas premissas. A primeira é que, os atores devem ter interesse em comum para poder cooperar, ou seja, eles devem perceber que têm algo a ganhar com a cooperação. E a segunda é que, o grau de institucionalização exerce grande influência sobre o comportamento dos Estados.

Em suma, quando existem poucos interesses em comum entre os Estados e também baixo grau de institucionalização no relacionamento entre eles, é de se esperar que as premissas realistas de distribuição de poder e de balanço de poder sejam preponderantes em suas

relações. Todavia, assim que os Estados enxergam as razões para cooperar e passam cada vez mais a institucionalizar o relacionamento entre eles, as tradicionais premissas realistas perdem mais a relevância. E aí começa a ganhar relevância uma teoria que foque explicitamente o efeito das instituições nas relações entre os países.

Keohane também mede o grau de institucionalização entre os Estados, de acordo com as dimensões¹⁹; que é o grau sob o qual as expectativas a respeito do comportamento esperado são divididas entre os participantes do sistema (entendimento comum); específico: quando o grau sob o qual essas expectativas são especificadas na forma de regras; e por fim a autonomia, quando a extensão na qual as instituições podem alterar suas regras sem contar com os agentes externos para isso.

Fica fácil exemplificar o quanto as instituições são importantes no relacionamento entre os Estados. Em 1990, Kofi Annan, quando Secretário-Geral das Nações Unidas, negociou diversos acordos, entre o então presidente Clinton e o de Saddam Hussein, em relação à crise das inspeções de armamentos. O trabalho da Organização Mundial do Comércio, OMC, que por sua vez pune, caso um país-membro aumente aleatoriamente suas barreiras alfandegárias.

Segundo Keohane²⁰, o Neoliberalismo deve ser visto como uma escola distinta de pensamento, quando comparado ao neorealismo, pois os neoliberais tendem a considerar a definição estrutural neorealista demasiadamente limitada. A crítica neoliberal se origina da idéia de que o neorealismo poderia explicar mudanças causadas por alterações das capacidades

¹⁹ KEOHANE, op. Cit., 1989, p. 4-5.

²⁰ KEOHANE, op. Cit. 1989, p. 7-9.

relativas dos Estados que são traduzidas essencialmente por sua capacidade econômica, militar e política. Se a posição relativa das unidades não se altera, não poderia haver mudanças no comportamento das unidades. Por outro lado, o Neoliberalismo indica que as convenções na política internacional são tão importantes quanto à distribuição das capacidades. Por exemplo, a aceitação da soberania é a mesma de uma convenção internacional que dá forma ao comportamento dos Estados.

A teoria Neoliberalista sugere também uma interdependência entre os Estados. Keohane²¹ indica que dependência significa que os Estados são determinados amplamente por forças externas, enquanto interdependência é uma situação caracterizada por efeitos recíprocos entre os países ou entre os atores de diferentes países, ou simplesmente o Estado de mútua dependência.

Outrora, este estado de interdependência não necessariamente implica em benefícios mútuos, porque pode haver grandes custos envolvidos nessas relações. De certa forma, a interdependência restringe a autonomia dos Estados e, assim, não se pode saber, a priori, quão custosa ou benéfica será essa relação. Em tese, a interdependência traria benefícios e custos, entretanto, esses custos não são igualmente distribuídos entre os participantes, pois o país mais poderoso transfere seus custos para os mais fracos e desta forma a independência seria também assimétrica. Com isso, a interdependência não afetaria a soberania, mas afetaria a autonomia dos Estados. Sobre esta autonomia que analiso neste estudo, quanto à vontade de neoliberais de, talvez transformar um potencial candidato sem tradição neoliberal em um político que agrade a

²¹ KEOHANE; NYE, op. cit., 2001, p. 7.

seus olhos. E estes o fazem com muita destreza usando a mídia para influenciar investidores internacionais e até mesmo o próprio perfil do candidato Luiz Inácio Lula da Silva.

1.2 Abordagem teórica que ampara a análise

1.2.1 *Agenda Setting*

A teoria da *Agenda Setting* ocupa, hoje, uma posição muito importante no meio das teorias das comunicações de massa. Esta teoria sustenta que:

“Em consequência da ação dos jornais, televisão e dos outros meios de informação, o público é ciente ou ignora, dá atenção ou descuida, enfatiza ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas tendem a incluir ou excluir dos primeiros conhecimentos o que a mídia inclui ou exclui do próprio conteúdo. Além disso, o público tende a conferir ao que ele inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos meios de comunicação de massa tais acontecimentos, aos problemas, às pessoas”.²²

Esta hipótese da *Agenda Setting*, configura uma espécie de impacto social que a mídia gerará, compreendendo desde a seleção, disposição e incidência de notícias sobre determinados temas que o público falará e discutirá. Não que a mídia tente persuadir exatamente, mas o modo como ela descreve a realidade externa, apresentando ao público uma série de fatos, a respeito dos quais se pode ter uma opinião. Em contrapartida a asserção fundamental desta teoria é que a “compreensão das pessoas em relação à grande parte da realidade social é modificada pelos meios de comunicação de massa”.²³

Este tipo de teoria tem importância para a sociedade, pois é possível compreender como os meios de comunicação trabalham na formação da opinião pública. Não se pode negar a influência desse meio na vida das pessoas. As pautas das conversas interpessoais

²² WOLF, 2003 p. 143 apud Shaw, 1979, p.96.

²³ WOLF, 2003 p. 143 apud Shaw 1979, pp. 96,101.

são sugeridas pela televisão, jornais, rádio, internet, etc. E isso propicia aos receptores destas informações uma organização dos assuntos que devem ser levados em consideração.

Assim afirma Mauro Wolf:

“se é verdade que a imprensa pode não conseguir, na maior parte do tempo, dizer às pessoas o que pensar, por outro lado ela se encontra surpreendentemente em condições de dizer aos próprios leitores sobre quais temas pensar alguma coisa”.²⁴

Analisando por esta ótica, podemos até dizer que a realidade social é modificada e passa a ser representada por um cenário montado, a partir dos meios de comunicação de massa.

A essência da hipótese *Agenda Setting* foi iniciada no ano de 1922 por Walter Lippmann com a obra clássica *Public Opinion*. E foi com o intuito de investigar a capacidade de agendamento da mídia na campanha presidencial de 1968, nos Estados Unidos, que em 1972 os pesquisadores americanos Maxwell McCombs e Donald Shaw escreveram um artigo intitulado *The Agenda Setting Function of Massa Media* e confirmam que a mídia tem a capacidade de influenciar a projeção dos acontecimentos para a opinião pública.

Os pesquisadores pretendiam averiguar neste artigo se as idéias que os votantes julgavam como temas mais relevantes eram moldadas pela cobertura jornalística dos meios de comunicação (Weaver, 1996, p.2).

E para a realização desta pesquisa, foi feita primeiramente uma pergunta de triagem com a finalidade de identificar os eleitores que não tinham seu candidato definido. Em

²⁴ WOLF, 2003 apud 1963, p. 13.

seguida, se pedia aos entrevistados ordenarem as questões que eles achavam mais importantes. A questão era colocada da seguinte maneira: “O que é que o tem preocupado mais durante estes dias? Isto é, sem ter em conta aquilo que os políticos dizem, quais são as duas ou três questões sobre cuja resolução acha que o Governo deveria se empenhar?”²⁵

Os estudos feitos à luz desta teoria, normalmente são aplicados em períodos de campanhas eleitorais. Pois em um período de eleição se fornece subsídios suficientes para se analisar a influência dos meios de comunicação sobre a opinião pública, porque são produzidas enormes informações que serão assimiladas pelo público. E é essa curiosidade pelos efeitos dos meios de comunicação na opinião pública que hoje se produz uma vasta literatura sobre a *Agenda Setting*.

Por isso McCombs e Shaw também fizeram neste mesmo período uma análise de conteúdo nos meios de comunicação local, regional e nacional, dentre estes qualificando-os entre mais importantes e menos importantes. Os menos importantes eram notícias de natureza política, mas reduzidas em termos de espaço, tempo ou divulgação. Já os mais importantes foram classificados da seguinte maneira:

- Na televisão: qualquer notícia de 45 segundos ou mais e/ou uma das três notícias de abertura.
- Jornais: qualquer notícia que surgisse como manchete na primeira página ou em qualquer página sob um cabeçalho a três colunas em que pelo menos um terço da notícia (num mínimo de cinco parágrafos) fosse dedicado à cobertura de carácter político.

²⁵ McCOMBS e SHAW, 1972 In: TRAQUINA, 2000, p. 50.

- Revistas informativas: qualquer notícia com mais de uma coluna ou qualquer item que surgisse no cabeçalho no início da seção noticiosa da revista.
- Cobertura de páginas eleitorais em revistas e jornais em qualquer item na posição do editorial principal, ou seja, o canto superior esquerdo da página editorial, mais todos os itens em que, pelo menos, cinco parágrafos de um comentário editorial ou de um colunista era dedicado à cobertura de campanha política.

Após esta pesquisa, McCombs e Shaw concluíram que o mundo político é reproduzido de modo imperfeito pelos diversos órgãos de informação. Contudo, as provas deste estudo, de que os eleitores tendem a partilhar a definição composta dos *media* acerca do que é importante, sugerem fortemente a sua função de agendamento²⁶.

Pode-se perceber que McCombs e Shaw encontraram uma forte correlação entre a hierarquia dos temas estabelecidos pelos meios de comunicação e a hierarquia temática expressada pelos votantes. Ou seja, se conclui que a mídia tem uma boa influência sobre os eleitores ou uma sensibilidade acerca das preocupações deles. Porém a essência da *Agenda Setting* procura identificar se os temas que são expostos na grande mídia tornam-se importantes para os receptores, assim como se são pauta das conversas diárias.

Com isso teríamos o conceito do poder que a mídia exerce sobre a opinião pública. E este conceito caracteriza a hipótese da *Agenda Setting*, que em simples definição é “...um tipo de efeito social da mídia. É a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias vem determinar os temas sobre os quais o público

²⁶ McCombs e Shaw, 1972, In: Traquina, 2000, p.57.

discutirá”²⁷. Esta essência não é muito difícil de se observar, pois constantemente recebemos informações que são dispostas e selecionadas que dão mais ênfase a determinadas notícias, telejornais e revistas, por exemplo.

Em 1979, Shaw em um estudo, relata que a hipótese da *Agenda Setting*, em consequência da ação dos meios de informação, realça ou negligência elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir aquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas²⁸.

É possível perceber uma clara convergência na conceitualização dos autores quanto à hipótese aqui discutida. A mídia é apresentada como agente modificador da realidade social, apontando para o público receptor sobre o quê se deve estar informado. Isso configura no poder o que os meios de comunicação exercem sobre a opinião pública.

Segundo McCombs e Shaw (1972), o conceito mais simples, anterior ao primeiro estudo empírico da *Agenda Setting*, é formulado por Cohen em 1963: “a imprensa, na maior parte das vezes, pode não ser bem sucedida ao indicar às pessoas como pensar, é espantosamente eficaz ao dizer aos seus leitores sobre o que pensar.”²⁹

É impressionante o que a mídia pode fazer, com uma simples seleção de materiais, os meios de comunicação pode nos dar a impressão de que conhecemos o mundo político, quando na realidade pouco sabemos. Os *mass media* centram a atenção em certas

²⁷ BARROS FILHO, Clóvis de. *Ética na Comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo: Moderna, 2001.

²⁸ Shaw, E. apud Wolf 2001, p.144.

²⁹ McCombs e Shaw, 1972 In: Traquina, 2000, p. 49.

questões. Constroem imagens públicas de figuras políticas. Apresentam constantemente imagens que sugerem o que deveríamos pensar, o que deveríamos saber e até mesmo o que deveríamos sentir.

Pouco tempo depois, ainda durante as eleições presidenciais de 1972, McCombs e Shaw realizaram outra pesquisa que foi intitulada de *Charlotte Study*³⁰. Nesta pesquisa, a amostra foi mais abrangente e representativa (pessoas que já tinham o voto decidido, assim como os indecisos). E as entrevistas foram realizadas em momentos sucessivos da campanha.

O objetivo desta pesquisa era constatar as alterações da agenda do público, em momentos diferentes e, com isso, comprovar que a cobertura midiática antecede os temas em relação aos temas das relações interpessoais. Um ponto importante verificado neste estudo é que a conversa interpessoal também influencia na escolha do candidato. Esta conversa reforça a mídia, pois as pessoas acabam conversando sobre o que é exposto pelos meios de comunicação.

McCombs e Shaw explicam isso da seguinte maneira: interesse pelo conteúdo da mensagem, incerteza sobre o objeto da mensagem e esforço para compreendê-la. Os dois últimos componentes foram utilizados pela *Agenda Setting* para explicar o que os autores chamam de: necessidade de orientação³¹.

McCombs e Shaw abriram novas linhas de investigação que vieram motivar a produção de mais de 350 artigos e livros de pesquisa sobre o agendamento. Trabalhos similares sobre a determinação do repertório temático dos meios de comunicação, utilizando metodologias

³⁰ Barros Filho, 2001, p. 178.

³¹ Rodrigues, 1997, p. 3.

diferentes, períodos de análises, instrumentos de medida e técnicas de análise de dados foram realizados. Estes estudos são encontrados em Roessler, 1999; Golan e Wanta, 2001; Rossler e Schenk, 1999; Kiouisis et al. 1999; McCombs et al., 1997; McCombs et al., 2000; Althause Tewksburry, 2002, entre outros.

O estudo *Agenda Setting* compreende um processo que pode ser chamado de processo de agendamento, e este, por sua vez, é descrito através de uma tipologia de estudos, a agendas e conceitos de determinação da *Agenda Setting*.

O primeiro tipo de estudo foi estabelecido por McCombs, após o estudo de Charlotte (1977) que recebeu o nome de Tipologia de Acapulco, intitulada assim pelo fato de ter sido apresentada durante o congresso da *International Communication Association*, em Acapulco (Barros Filho, 2001, p.179). Essa tipologia tem dois referenciais: o número de temas analisados e o número de pessoas perguntadas. Segundo Barros Filho, esses dois referenciais, combinados dois a dois, fazem quatro tipos de estudos: o primeiro, que envolve vários temas com uma população de mais de um indivíduo; o segundo, que envolve vários temas, mas estudados em função da agenda de um só indivíduo; o terceiro, em que se elege um tema específico e se analisa seu posicionamento da agenda de um grupo; e o quarto tipo, em que um só tema é classificado na agenda de um só indivíduo. Além disso, também existe uma relação de tipos de agendas:

- Agenda individual ou intrapessoal – corresponde às preocupações sobre as questões públicas que cada indivíduo interioriza;
- Agenda interpessoal – são os temas mencionados nas relações interpessoais, percebidos por cada sujeito e discutidos nas suas relações;

- Agenda da mídia – é o elenco temático selecionado pelos meios de comunicação;
- Agenda pública – é o conjunto de temas, que a sociedade como um todo estabelece como relevante e lhes dá atenção;
- Agenda institucional – são as prioridades temáticas de uma instituição. (Barros Filho, 2001, p 179).

O processo de agendamento também pode ser descrito como um processo interativo. Onde a agenda Pública influencia a agenda da Mídia e vice-versa, porém com proporções diferentes. A influência da agenda pública sobre a agenda da mídia é um processo gradual e de longo prazo, onde são criados certos critérios de noticiabilidade. Em contrapartida, a influência da agenda da mídia sobre a agenda pública é direta e imediata, principalmente, quando envolve questões que o público não tem uma experiência direta. Deste modo, se propõe que a problemática do efeito do agendamento seja diferente de acordo com a natureza da questão³².

Segundo Ferreira, em seu livro, *Os Meios de Comunicação pelo viés do Paradigma da Sociedade de Massa*, a imposição do agendamento é composta por duas colunas. A primeira é formada pela tematização proposta pelos *mass media*, conhecida como ordem do dia, que serão os assuntos propostos pela mídia e que se tornarão objetivo das conversas das pessoas, da agenda pública. E a segunda é formada pela hierarquização temática, que são os temas em relevo na agenda pública, assim como os temas sem grande relevância estabelecidos pelos *mass media* terão a mesma correspondência junto ao público.

³² Ebring apud Traquina, 2000, p.33.

Outra questão relevante no processo de agendamento diz respeito às pessoas. A agenda da mídia tem maior efeito sobre as pessoas que participam de conversas sobre questões levantadas pelos meios de comunicação social do que nas pessoas que não participam neste tipo de conversa³³. Além do acesso aos meios de comunicação e às conversas interpessoais, as pessoas possuem uma necessidade de orientação, que segundo McCombs e Weaver é definida como:

“uma junção de duas variáveis: alto interesse e um alto nível de incerteza. Assim, o efeito de agendamento ocorre com pessoas que têm uma grande necessidade de obter informação sobre um assunto; devido a esta necessidade de orientação, estas pessoas expõem-se mais aos media noticiosos, provocando maiores efeitos de agendamento.”³⁴

Além disso, alguns autores³⁵ sustentam a idéia que o impacto da função do agendamento não é igual para todas as pessoas e depende da necessidade de orientação. E para estas pessoas com grande necessidade de orientação, os meios de comunicação social fazem mais do que reforçar opiniões existentes, eles podem orientar a atenção para questões e tópicos específicos.

A natureza do assunto é outra variável na pesquisa sobre agendamento, que segundo a classificação foi estabelecida por Zucker em 1978 em um estudo que comprovou a influência dos *medias* nas questões não envolventes³⁶. Distinguindo entre questões envolventes, e não envolventes. A primeira são, questões que as pessoas podem mobilizar e a sua experiência direta, e a segunda estão mais distantes das pessoas, que elas não têm experiência direta.

³³ McLeod apud Traquina, 2000, p.33.

³⁴ McCombs e Weaver apud Traquina, 2000, p. 33-34.

³⁵ Weaver

³⁶ Zucker apud Traquina, 2000, pp. 34-35.

Alguns autores brasileiros³⁷ também possuem estudos e alguns conceitos que são apontados e utilizados para determinar o efeito da *Agenda Setting*. São eles:

- Consonância: apesar de suas diferenças e especificidade, as mídias possuem traços em comum e semelhanças, na maneira pela qual atuam na transformação do relato de um acontecimento que se torna notícia;
- Acumulação: capacidade que a mídia tem de dar relevância a um determinado tema, destacando-o do imenso conjunto de acontecimentos diários;
- Onipresença: quando um acontecimento que, transformado em notícia, ultrapassa os espaços tradicionalmente ocupados e ele, o acontecimento de polícia, pode ser abordado em outras editoras dos meios de comunicação;
- Relevância: quando um determinado acontecimento é noticiado por todas as diferentes mídias, independente do enfoque que lhe seja atribuído;
- *Frame* Temporal: o período de levantamento de dados das duas agendas ou mais agendas (isto é, a agenda da mídia e a agenda pública, por exemplo);
- *Time-lag*: é o intervalo decorrente entre o período de levantamento da agenda da mídia e a agenda do público, ou seja, como se pressupõe a existência e um efeito da mídia sobre o público;
- Centralidade: capacidade que as mídias têm de colocar como algo importante determinado assunto;
- Tematização: está implicitamente ligado à centralidade, pois é a capacidade de dar o destaque necessário (sua formulação, a maneira pela qual o assunto

³⁷ Golembiewski, 2001; Jahn, 2001; Hohlfeldt, 1997

é exposto), de modo a chamar a atenção. Um dos desdobramentos deste item é suíte de uma matéria, ou seja, múltiplos enfoques que a informação vai recebendo para manter presa a atenção do receptor;

- Saliência: valorização individual dada pelo receptor a um determinado assunto noticiado;
- Focalização: é a maneira pela qual a mídia aborda determinado assunto, utilizando uma determinada linguagem, recursos de editoração.

Enfim, a base metodológica dos estudos sobre a *Agenda Setting* se funda em dois pilares: a análise de conteúdo dos meios de comunicação e a pesquisa de opinião.

Barros Filho diz em seu livro, *Ética na Comunicação: da informação ao receptor*³⁸, que a primeira variável das pesquisas de *Agenda Setting* diz respeito ao período de eficácia, ou como foi definido anteriormente, duração do efeito ótimo. Na verdade não existe uma harmonia na definição de prazos curtos, embora a *Agenda Setting* esteja no rol dos efeitos de longo prazo.

Além disso, Barros Filho neste mesmo livro ainda acrescentava outro ponto que pode causar um certo desentendimento sobre a hipótese, é a falta de rigor na utilização dos termos.

“(...) observamos que essa falta de rigor costuma começar pela própria noção de agendamento. O que é a determinação da agenda (agenda setting)? Trata-se de dar a conhecer ao receptor (que, não fosse pelos meios, não se inteiraria do fato)? Ou se trata de uma hierarquização temática (quando os meios determinam qual a importância a dar a este ou àquele fato)? Ou ainda de impor abordagem específica ao fato, enfocando o tema desta ou daquela maneira?”.

³⁸ BARROS FILHO, 2001, p. 180.

E por fim, Barros Filho encerra com uma última crítica³⁹, referente a pouca diversidade de temas estudados pelas pesquisas comprobatórias. Segundo ele, os pesquisadores têm grande fascínio por estudos que envolvam as campanhas eleitorais, negligenciando outros temas, como por exemplo, esporte, economia, variedades.

Existe ainda outra importante discussão, que se faz necessária para este estudo a definição de hipótese ou teoria.

“(...) teoria é um paradigma fechado, um modo “acabado”, e neste sentido infenso a complementações ou conjugações, pela qual “traduzimos” uma determinada realidade segundo um certo “modelo”. Uma hipótese, ao contrário, é um sistema aberto, sempre inacabado, infenso ao conceito de “erro” característico de uma teoria.”⁴⁰

Para o autor, a hipótese é sempre uma experiência, um caminho a ser comprovado e que, se não der certo em uma situação específica, não invalida a perspectiva teórica. Conforme Trumbo, a *Agenda Setting* não pode ser considerada uma teoria, pois ainda está na trajetória da investigação e da descoberta⁴¹. Por esse motivo convencionou utilizar-se neste estudo o termo hipótese ao termo teoria.

A escolha do campo político como preferido para as investigações revela o potencial que este tema possui. Uma vez a cobertura de uma campanha eleitoral compreende seis meses ou mais, os pesquisadores possuem material suficiente para aplicar os esquemas metodológicos na busca pela comprovação da hipótese do agendamento. Durante o período eleitoral, muitos elementos podem emergir de uma cobertura jornalística e refletir na opinião dos

³⁹ BARROS FILHO, 2001, p.181.

⁴⁰ Hohlfeldt 1997, p.43.

⁴¹ TRUMBO apud. RODRIGUES, 1997, p 2.

receptores. É neste momento, que os candidatos e partidos estão mais vulneráveis ao julgamento da imprensa e da sociedade.

Outra justificativa do fascínio pelo tema, principalmente as eleições, é devido à natureza do assunto. As eleições possuem um caráter democrático, mobilizando a população de um país, estado ou município. Mais do que um acontecimento ideológico, pode-se dizer que as eleições funcionam como um acontecimento afetivo, ou seja, as pessoas podem se identificar com um candidato pela sua maneira de ser ou por suas idéias.

2 ESTUDO DE CASO

Processo eleitoral presidencial brasileiro em 2002, coberto pela mídia neoliberal internacional.

A *The Economist*; existente desde 1943, e hoje é lida por mais de 3.7 milhões de pessoas em todo o mundo. É uma revista britânica semanal, que contém informações sobre negócios, política econômica global, além de análises e comentários sobre tais fatos. O fato de ser uma revista independente e com perspectiva editorial internacional, faz dela a mais lida entre os líderes empresariais e políticos. A *The Economist* possui gráficas em seis países e também é publicada na internet, e tem mais de 80% da sua circulação de revistas fora do Reino Unido.

Um fato curioso observado durante a leitura de cada texto da *The Economist* é que não é possível saber quem o escreveu. Pois, segundo a revista, o conteúdo da matéria é mais importante do que quem a escreve⁴².

A linha editorial continua seguindo os princípios neoliberais de seu principal fundador, James Wilson que dizia: “*we seriously believe that free trade, free intercourse, will do more than any other visible agent to extend civilisation and morality throughout the world.*”⁴³

Esta revista foi uma das primeiras publicações a abraçar a defesa do liberalismo clássico. Já em 1943 defendia muitas idéias que, hoje, são consideradas modernas, tais como o livre comércio, liberdade cambial, a liberdade de fluxo de capitais, o Estado mínimo e outras que

⁴² “The principle of anonymity is also central to the paper's philosophy. The Economist has no bylines, believing that what is written is more important than who writes it. <http://www.economistgroup.com/theeconomist.html>, disponível em 09/09/2007.

⁴³ <http://www.economistgroup.com/theeconomist.html>, disponível em 09/09/2007.

ideais antigos foram ressuscitadas pelos neoliberais sob a aura da modernidade e se mantêm até hoje.

Por isso, a *The Economist*, foi escolhida como objeto da presente análise, pois dela é possível identificar-se a posição liberal de uma forma bastante clara. Esta é uma pesquisa de seis meses de publicação da revista, no período de julho a dezembro de 2002, dos quais a seguir são apresentados, em ordem de publicação, trechos importantes para análise que segue no terceiro capítulo desta monografia.

No dia treze de julho de 2002, a revista *The Economist* produziu o artigo intitulado, *Pacting with the enemy*⁴⁴, sobre a provável posição de Luiz Inácio Lula da Silva de cumprir acordos internacionais, mais especificamente o FMI. O texto também cita um comentário do assessor econômico, Guido Mantega o qual afirma que Lula pode considerar o acordo, se o pânico no mercado brasileiro piorar. Logo depois, a revista reforça a idéia de que Lula sempre foi combatente anti-FMI. E como se não bastasse, a revista encontra um cientista brasileiro que critica o partido de Lula.

“But would Mr da Silva, like Mr Kim⁴⁵, renounce his anti-IMF rhetoric and sign? Mr. da Silva has sounded cool towards the idea, saying that international accords are a matter for Mr Cardoso alone until he steps down on December 31st. But his economic adviser, Guido Mantega, said he would consider such an accord if market panic over Brazil’s debt worsened. Not so long ago Mr. da Silva’s Workers’ Party (PT) was organising anti-IMF marches and talking of “renegotiating” both Brazil’s IMF agreement and its other debts(...)Such is Mr da Silva’s grip over his party that he runs little risk of an internal rebellion over any pact with the IMF, reckons Fernando Abrucio, a political scientist at Sao Paulo’s Catholic University. But even if he did sign, this might not calm

⁴⁴ *Pacting with the enemy*. The Economist, 00130613, 13/07/2002, Vol. 364, nº 8281. Base de dados: *Academic Search Premier*.

⁴⁵ Presidente da Coréia do Sul que pagou a sua dívida ao FMI de US\$57 bilhões.

investors unless *Ciro Gomes, an unpredictable soft-left presidential contender, followed suit.*⁴⁶

No dia 3 de agosto⁴⁷ do ano estudado e faltando algumas semanas para as eleições brasileiras, a revista diz que o medo varreu o mercado financeiro do Brasil, com a valorização do real caindo e o Risco Brasil só aumentando, chegando a ser comparado com a Nigéria. A revista tenta explicar o porquê desta situação, alegando que a dívida pública será paga por investidores locais, apesar de admitir que o Brasil é a maior economia na América do Sul. O escritor teme que esta atitude passe a ser um círculo vicioso.

Além disso, nesta matéria *The Economist* afirma que duas coisas podem ajudar o Brasil a sair desta tempestade econômica. A primeira é pedir mais ajuda ao FMI, assim como fez a Coreia do Sul em 1998, que por sua vez conseguiu sair da recessão. Porém, o acordo de pagamento do último empréstimo feito pelo Brasil com o FMI expirava em dezembro, quando o atual presidente Fernando Henrique Cardoso sairá do poder. Deixando deste modo a responsabilidade para o próximo presidente. Entretanto, a revista afirma que políticos brasileiros são relutantes em pagar dívidas com o FMI, muito menos fazer um novo empréstimo. Apesar do Governo ter indicado, recentemente, que honraria a sua dívida com o FMI.

A segunda, é dizer publicamente que irão manter os dois pilares da política econômica; manter uma grande cobrança fiscal para estabilizar a dívida pública e um sistema de objetivos inflacionários que irão trazer estabilidade monetária sob o câmbio flutuante.

⁴⁶ *Pacting with the enemy*. The Economist, 00130613, 13/07/2002, Vol. 364, nº 8281. Base de dados: *Academic Search Premier*.

⁴⁷ *Stopping the rot in Brazil*. The Economist, 00130613, 03/08/2002, Vol. 364, nº 8284. Base de dados: *Academic Search Premier*.

E termina alegando que alguns brasileiros vêem esta situação como uma interferência do FMI nas escolhas democráticas, que o Brasil está perto de fazer.

“For the second time in two months, fear swept through Brazil's financial markets this week, with the inexorable momentum of Ronaldo, the country's World Cup striker, crashing through opposing defences. The currency slumped and the risk premium on Brazil's bonds soared, putting them on a similar level to Nigeria's.

Why?(...)So the answer lies mainly in Brazil, which has by far the largest economy in the region. It faces a choppy few weeks until its election. But a near-term default on the public debt is unlikely: most short-term debt is in local currency and will be rolled over, at a price, by local investors (...). Even so, could face a vicious circle of devaluation and capital outflow.

(...)Two things could now help Brazil ride out the storm. The first is more aid from the IMF.(...)Brazil's agreement with the IMF runs out in December, when Mr. Cardoso departs. Its extension now would be meaningless if it might clear that they support responsible policies. A similar agreement helped to turn recession to recovery in South Korea in 1998. Not surprisingly, in Brazil the candidates have seemed reluctant. (...)

(...)The Fund would be wise not to insist the candidates sign a detailed letter of intent. They have recently indicated that they would honour existing debt contracts. What is need now is their verbal assent to two main strands of macroeconomic policy: the large fiscal surpluses required to stabilise the public dept, and the inflation-targeting system that gives monetary stability under a floating exchange rate. Some Brazilian might see this as the IMF constraining their democratic choice.”⁴⁸

Ainda na mesma edição a revista escreve⁴⁹ uma outra matéria declarando que as eleições em outubro e os destaques de políticos de esquerda para o cargo de presidente é o motivo do pânico que recai sobre a economia brasileira, ainda mais com a desvalorização de um terço do real desde abril de 2002.

⁴⁸ *Stopping the rot in Brazil.* The Economist, 00130613, 03/08/2002, Vol. 364, Número 8284. Base de dados: Academic Search Premier.

⁴⁹ *Panic comes calling,* The Economist, 00130613, 03/08/2002, Vol. 364, Número 8284. Base de dados: Academic Search Premier.

O Risco Brasil continua crescendo, alguns analistas temem que o prejuízo se torne irreversível, a menos que alguma grande mudança aconteça. David Malpass, um analista do *Bear Stearns*, um banco americano de investimento; por exemplo, diz que o Brasil está em um caminho de prejuízos. Outro analista chamado Walter Molano, afirma que o Brasil deve “jogar a toalha” e procurar reestruturar antes que a situação fique pior.

“(...) The big fear concerns Brazil, because of its size and its presidential election in October. Its currency, the real, has lost a third of its value since April, when investor began worrying that one of several leftist presidential candidates might win. (...) Add in the soaring risk premium on Brazil’s bonds, and some analysts now fear that, unless there is a big turnaround, the debt may become unserviceable (...) “Brazil is on the path towards a debt default” says David Malpass of Bear Stearns, an American investment bank(...)Walter Molano, an occasionally wise investment analyst from BCP Securities, an American firm, says Brazil “should “throw in the towel” now ad start “an orderly restructuring” of its debt before things get worse”⁵⁰

Na edição do dia 17 de agosto de 2002⁵¹, a *The Economist* escreve a respeito de uma reunião convocada por Fernando Henrique Cardoso para o dia 19 deste mesmo mês, com os principais candidatos à Presidência da República para pedir-lhes que se comprometam com o FMI, e assim acalmar os mercados. Apesar dos dois candidatos de esquerda; Luiz Inácio Lula da Silva e Ciro Gomes; há pouco tempo terem falado sobre renegociação da dívida brasileira. Deste modo, os investidores temem que o país não consiga pagar suas dívidas, mesmo com a ajuda do FMI.

Segundo a agência *Moddy’s*, agência de financiamento de crédito, colocou o Brasil cinco lugares abaixo, em seu padrão de risco, temendo que o futuro presidente fosse ele qual for, não consiga pagar a dívida do FMI.

⁵⁰ *Panic comes calling*, The Economist, 00130613, 03/08/2002, Vol. 364, Número 8284. Base de dados: *Academic Search Premier*.

⁵¹ *A matter of faith*. The Economist, 00130613, 17/08/2002, Vol. 364, Número 8286. Base de dados: *Academic Search Premier*.

Ainda, John Williamson, analista econômico do *Institute for International Economics* em Washington-DC, conclui que mesmo com um novo empréstimo a situação aqui no Brasil vai continuar as mesmas. A recuperação econômica brasileira e o pagamento da dívida estão diretamente ligados às expectativas do mercado financeiro. Williamson também expõe o tamanho da dívida brasileira, que devido à grande flutuação do real, a dívida, que em dólares, é de 288 bilhões passa a ser em reais 841 bilhões, este valor é equivalente a dois terços do PIB brasileiro, enquadrado como uma dívida impagável.

Todavia, segundo a revista, os investidores precisam se convencer de alguma forma que o colapso pode ser evitado, assim o real se valoriza e, conseqüentemente, o Brasil obterá financiadores para as suas dívidas, e com boas taxas de juros, aí sim o Brasil pode crescer cerca de 4%. Segundo Williamson, essa relação dívida e PIB é muito importante na visão dos investidores. É uma situação assustadora, chegar em um estágio de uma dívida impagável. A única saída seria cortar gastos e aumentar os impostos, orienta Williamson.

Durante a primeira crise do real que o Brasil passou em 1998 e 1999, o Governo de Bill Clinton incentivou alguns bancos americanos a apoiarem o Brasil. Todavia o Governo de George Bush não parece disposto a fazer o mesmo.

A revista ainda escolhe bem algumas palavras para resumir a matéria dizendo que, ou o Brasil faz uma mudança milagrosa para intervir sobre algumas ações, tais como reformas atrasadas de aumento de imposto, ou o desastre será inevitável.

“President Fernando Henrique Cardoso called meetings, for August 19th, with the four main candidates to succeed him in October’s election, to plead with them to commit themselves to the Fund’s conditions and thus calm the markets. Though the two leftist contenders who lead the polls, Luiz Inácio Lula da Silva and Ciro Gomes, no longer

talk of “renegotiating” Brazil’s debts, investors worry that the country may be unable to repay them, even with the Fund’s help.

Moody’s, a credit-rating agency, this week downgraded Brazil to five notches below “investment grade”, fearing that the next president – whoever wins – may be unable to meet the Fund’s demands (...)

(...) So who is right?⁵² A new paper⁵³ on Brazil’s debt sustainability, by John Williamson of the Institute for International Economics in Washington, DC, concludes that, even with the new bailout, things could go either way.

(...) Brazil’s total public debt, or its foreign debt, both public and private, could either be sustainable or could become unmanageably large, depending in what the markets henceforth expect.

Mr Williamson starts by asking: how much debt? This is no simple matter. For instance, it is hard to know which government assets and liabilities (e.g., those of state-owned banks) should be counted towards its net indebtedness. And the oscillations of the real make it hard to put a value on the chunk of debt tied to the dollar. Mr Williamson reckons that Brazil’s net public debt on August 8th, the day after IMF announced its rescue, was 841 billion reais, or \$288 billion at that day’s exchange rate – that is, equivalent to two-thirds of Brazilian GDP, up from 30% in 1994.

Nevertheless, if the markets now become convinced that a default can be avoided, the real should recover some of its recent losses, lenders should resume offering money at reasonable rates of interest, and Brazil should resume reasonable growth, of around 4%, say. This would be enough, Mr Williamson reckons, for the public debt-GDP ratio to start falling, and for fears to be eased that Brazil is running out of dollars to pay its foreign debt. But if current market conditions continue, disaster looms: if the real does not recover, and Brazil has to roll over its expiring debt at current market rates, then the debt-GDP ratio could rise by another nine points this year. That, says Mr Williamson, is scary. Three-quarters of the government’s debt is with local investors, who can be leaned on to keep funding it. Yet the debt ratio could reach a point where it becomes politically impossible to cut spending and raise taxes any further to try to stabilise it.

(...) In Brazil’s crisis of 1998-99, Bill Clinton’s administration leaned on American banks to roll over Brazilian debts and avoid a crunch. Mr Williamson suspects that George Bush may be less inclined to do this.

A few well-chosen words, or even miraculously some deeds, such as approving much-delayed tax reforms, might avert a disaster.⁵⁴

⁵² Na frase anterior comentava-se o exemplo da Coréia do Sul e México que quitaram a suas dívidas com o FMI em 1997 e 1995 respectivamente.

⁵³ “Is Brazil Next?”, by John Williamson. Institute for International Economics. Available on the internet at www.iie.com/policybriefs/news02-7.pdf

⁵⁴ *A matter of faith.* The Economist, 00130613, 17/08/2002, Vol. 364, Número 8286. Base de dados: Academic Search Premier.

Já da edição de 31 de agosto de 2002⁵⁵, é relatado um encontro de banqueiros em Nova Iorque onde foi decidido que não haveria mais cortes adicionais às linhas de crédito para o Brasil. No entanto, a desvalorização do real está sendo um contrapeso na balança de comércio. Segundo a *The Economist* este nervosismo só acabará quando José Serra for capaz de vencer Lula nas intenções de voto. Serra tem mais tempo na mídia que Lula e Ciro Gomes juntos, mas mesmo assim está sendo um grande desafio conquistar os eleitores.

“And at a meeting in New York this week, international bankers agreed not to make further cuts in their credit lines to Brazil. Meanwhile, new figures showed that Brazil’s weakened currency is helping its trade balance.

(...) The nerves may only be calmed if and when Mr Serra begins to look capable of beating not just Mr Gomes but Mr da Silva. Mr Serra, because of his broader alliance, is entitled to as much free media time as both his rivals combined. But he still faces a challenging task.”⁵⁶

Em 14 de setembro de 2002⁵⁷, a *The Economist*, relata uma declaração de Lula, quanto à idéia de formação do bloco ALCA que, segundo ele continua sendo uma intenção dos Estados Unidos de anexar a América Latina ao seu território. Mas Lula diz que este processo de unificação pode ser negociado, uma vez que o Brasil também possa ter acesso ao mercado americano, porém a revista aponta José Serra como melhor negociador deste assunto.

A *The Economist* nesta matéria faz uma sugestão no sentido de que, se o Brasil aumentar as exportações terá condições de cortar as dependências de financiamento estrangeiro.

“Mr da Silva still calls the FTAA an “attempt at annexing Latin America” by the United States. But though he is against it “as it is currently being negotiated”, he says

⁵⁵ *On the attack*. The Economist, 00130613, 31/08/2002, Vol. 364, Número 8288. Base de dados: *Academic Search Premier*

⁵⁶ *On the attack*. The Economist, 00130613, 31/08/2002, Vol. 364, Número 8288. Base de dados: *Academic Search Premier*.

⁵⁷ *The geopolitics of orange juice*. The Economist. 00130613, 14/09/2002, Vol. 364, Número 8290. Base de dados: *Academic Search Premier*.

he might accept a deal that gave Brazil fair access to America's market. For his part, Jose Serra, the government candidate, whom polls place second, joins in the attacks on American protectionism while insisting he is best-placed to negotiate it away."

(...) The turnaround is mainly due to a fall in imports as the economy has slowed. Brazil urgently needs to boost exports, to grow while cutting its dependence on foreign financing."⁵⁸

Faltando duas semanas para a terceira eleição presidencial com votos diretos no Brasil, no dia 21 de setembro de 2002⁵⁹ a *The Economist* faz uma matéria alegando que o candidato de esquerda Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, que estava encabeçando as intenções de voto, está caindo nas pesquisas. Ao rejeitarem Lula, segundo a revista, ao contrário do que se pensava, os brasileiros são mais conservativos do que os vizinhos latinos.

A revista também afirma que Lula não tem muitas idéias para oferecer. Isso faz também com que José Serra, apesar da sua falta de carisma, tenha encorajado muitos brasileiros a confiar em sua mudança. Os investidores também preferem a continuidade da força do real, apesar da forte desvalorização neste mês, com os resultados das pesquisas eleitorais.

Se somente os investidores forem convencidos de que a crise será controlada sobre o possível governo Lula, o real voltará a se valorizar fazendo com que a dívida que é paga em dólar passe a ter taxas menores. Caso contrário, a crise ficará incontrolável.

⁵⁸ *The geopolitics of orange juice*. The Economist. 00130613, 14/09/2002, Vol. 364, Número 8290. Base de dados: Academic Search Premier.

⁵⁹ *Lula scents victory at last*. The Economist, 00130613, 21/09/2002, Vol 364, número 8291. Base de dados: Academic Search Premier

Porém, Lula e seus conselheiros estão tentando ganhar a confiança de investidores, descartando a possibilidade de romper com o FMI, afirmando o concerto fiscal para o pagamento da dívida, além de prometerem o controle da inflação.

Mas Lula continua não resistindo a fazer grandes promessas. Na semana corrente Lula prometera dobrar o valor do salário mínimo em quatro anos. Mas a revista afirma que atitudes como esta é impossível, sem uma segura reforma social, coisa que os conselheiros de Lula garantem a viabilidade.

Segundo a *The Economist*, se eleito, Lula com certeza será testado em seu primeiro ano de Governo, para certificar que suas promessas serão cumpridas. No entanto, Guido Mantega, o conselheiro econômico de Lula, diz que essas mudanças não podem ser feitas de uma hora para outra.

Outro teste chave será a escolha do presidente do Banco Central. Segundo a *The Economist*, o Partido dos Trabalhadores tem poucas pessoas com experiência em mercado financeiro internacional. No entanto bancos investidores e agências multilaterais clamam para Lula manter o Armínio Fraga; o atual presidente. E intrigantemente um economista assistente de Lula, o Senador Aloizio Mercadante, recentemente publicou em seu site um pedido para o atual presidente do Banco Central para continuar no cargo.

Segundo a revista, o Partido dos Trabalhadores devem ganhar apenas 80 das 513 cadeiras na Câmara dos Deputados.

“BY THIS stage in Brazil’s past three presidential elections, with the vote just a fortnight away, Luiz Inacio Lula da Silva of the left-wing Workers’ Party (PT) was

trailing in the opinion polls, heading for defeat. Brazilians, more conservative than some of their neighbours, reject him.

(...) Mr da Silva has no such big idea to offer. But his moderations and Mr Serra's lack of charisma are encouraging many Brazilians to trust in their desire for a change. Investors would prefer continuity: the real Brazil's currency, and the country's bonds have slumped in recent month (...) But the markets tumbled again on this week's poll news.

(...) If only investors could be convinced the debt would remain manageable under a Lula government, the real would rise and interest rates fall, thereby lowering the cost of debt service. Otherwise, the debt could become unbearable.

(...) Mr. da Silva and his advisers are trying hard to win investors' trust: far threatening to rip up the IMF accord, as they once would have, they nodded it through. They say they would keep a fiscal surplus, before interest payments, sufficient to stabilize the public debt. And they promise to keep Brazil's system of inflation targeting, though they might loosen its central target by a couple of points.

(...) But Mr. da Silva still cannot resist making big spending promises. This week, he pledged to double the value of minimum wage in four year (...) this would be unaffordable without a drastic social – security reform, something that Lula's advisers admit will be tough.

The markets would be likely to test a Lula government in first year, obliging it to keep interest rates high, constraining growth. That might require an even tighter fiscal policy to stave off debt default. But Guido Mantega, Mr da Silva's economic adviser, says the public and the party's militants understand that its promises cannot be fulfilled at once.

Another key test would be choice of finance minister and central-bank governor. The PT has few people with experience of international financial markets. However, investment bankers and officials at multilateral agencies praise Mr da Silva's team for being keen to listen. Intriguingly, Senator Aloizio Mercadante, an economist and one of Mr da Silva's closest aides, recently ran a poll on his website asking if Arminio Fraga, the current central-bank chief who has investors' trust, should stay."

(...) The PT may win only about 80 of the 513 seats in Congress's lower house."⁶⁰

Segundo o relato da *The Economist*, no dia 28 de setembro de 2002⁶¹, o mercado ficou instável por causa das eleições brasileiras em outubro. Com a forte liderança do

⁶⁰ *Lula scents victory at last.* The Economist, 00130613, 21/09/2002, Vol 364, número 8291. Base de dados: Academic Search Premier.

⁶¹ *Race against time.* The Economist 00130613, 28/09/2002, vol. 364, nº 8292. Base de dados: Academic Search Premier.

esquerdista Luiz Inácio Lula da Silva, a moeda brasileira sofreu forte queda levando com ela outras moedas da América Latina. Apesar de Lula ter se esforçado para demonstrar seu lado centrista e prometer honrar as dívidas brasileiras, o mercado está desacreditado, temendo que Lula perca o controle das finanças do país.

No dia 24 de setembro foi registrado um recorde do preço do dólar, chegando a R\$ 3,78, isto é, o Real só esse ano perdeu quase 40% do seu valor. O Risco Brasil chegou a 2294 pontos.

Segundo o famoso estrategista e analista J.P. Morgan, o Brasil tem dinheiro para sobreviver até o natal, mesmo se os números do mercado financeiro continuarem caindo, além do mais o País ainda tem altas contas a pagar, que se expiram no início de 2003. Em outras palavras, se Lula ganhar as eleições ele terá pouco tempo para ganhar credibilidade. E ele tem habilidade para isso. Primeiramente, Lula precisa anunciar a meta de inflação, fato que seus conselheiros acreditam que seja em torno de 4% ao ano. Outro fator é aprovar as reformas tarifárias atrasadas. Isso sim iria impressionar o mercado.

Outro fator desanimou os investidores, o fato de Lula ter dito que Arminio Fraga; o atual e confiável presidente do Banco Central; não continuará em seu cargo. Mas seus conselheiros não são tão duros assim, podem até admitir a possibilidade de Fraga, ao menos ficar alguns meses, para auxiliar na transição. Isto tranquilizaria o mercado, uma vez que o Partido dos Trabalhadores não tem nenhuma figura à altura para substituí-lo.

“The markets are nervous about October’s election.”

(...) BRAZIL'S real fell to an all-time low this week, dragging other Latin American currencies down with it, as Luiz Inacio Lula da Silva of the left-wing Workers' Party maintained a strong lead in the polls before the presidential election on October 6th. Mr da Silva is making great efforts to present himself as a centrist: he now pledges to honour Brazil's debts, not renege on them. The markets are unimpressed, fearing he may quickly lose control of the country's precarious finances.

(...) Yet Mr da Silva has extended his lead, the real has fallen further September 24th's record low of 3.78 to the dollar means it has lost almost 40% of its value this year. After the IMF deal was announced, the risk premium on Brazil's bonds – their yield above American Treasury bonds – recovered from 2,294 basis points (22.9 percentage points) to 1,687. This week the risk premium jumped back above 2,100. The government mostly pays interest on its bonds linked either to the exchange rate or to the high interest rates set by the central bank, so the debt has ballooned. In July, government debt hit an unprecedented 62% of GDP, up from 53% a year earlier. August's aid relief brought the ratio down a few points, but this week's fall of the real is likely to push it to a fresh record.

Graham Stock, J.P. Morgan Chase's regional strategist, thinks that the government has enough cash to survive until about Christmas, even if the bonds markets stop rolling over any expiring government debt. However, the government has heavy debt expiries early next year, so if markets turbulence continues the situation could get grave.

In other words, if he does win, either outright on October 6th or in a second round of voting three weeks later, Mr da Silva will have only a short time to establish his credibility. There is plenty he could do. First, he could announce credible inflation targets. His advisers hint at a slight loosening of next year's central target, currently 4%. But by how much? He could copy Tony Blair's bold move on coming to power in Britain in 1997, and grant the central bank independence. Mr da Silva's aides do not rule this out. Rapid action to push through other urgent reforms--for example, of the deficit-ridden state pension scheme--would also impress the markets.

(...) Mr da Silva has dismayed markets by saying that Arminio Fraga, Brazil's trusted central-bank chief, must go. His advisers are less adamant, however, when asked if Mr Fraga might stay on a few months to help with the transition. This would be reassuring, as would be the appointment of a finance minister trusted by the financial markets--the Workers' Party has no such figure and would have to seek an outsider.⁶²

⁶² *Race against time*. The Economist 00130613, 28/09/2002, vol. 364, número 8292. Base de dados: *Academic Search Premier*.

Este domingo, 5 de outubro de 2002⁶³, dia de eleição, carregou um significado importantíssimo, não só para 170 milhões de brasileiros, mas também para toda a América do Sul por se tratar de votos que podem levar toda essa região, segundo a *The Economist* desastre financeiro.

Assim como a maioria dos países na América Latina, o Brasil reconstruiu sua democracia depois de vinte anos. E desde então sempre teve governantes de centro-direita, e se Lula ganhar o cargo de Presidente da República, este será um evento de transformação de direção governamental.

Segundo a análise da *The Economist*, duas fatores fizeram a vitória de Lula possível. A primeira é que durante oito anos de mandato de Fernando Henrique Cardoso, o Brasil se tornou uma democracia moderna com instituições sólidas. Fernando Henrique acabou com três décadas de inflação, e trabalhou muito para a estabilização da economia de base. Desta forma os eleitores estão mais preparados para fazer riscos.

A segunda é que Lula tem mudado o foco de seu partido de esquerda para centro. Segundo a revista, esse ano pela primeira vez, Lula se apresentou seriamente preparado para governar o Brasil. Lula tem buscado fazer alianças com outros partidos, pois a previsão é que o Partido dos Trabalhadores tenha somente um quinto das cadeiras na Câmara dos Deputados. Lula, também, quer desfazer os boatos de que ele estaria planejando desfazer as privatizações do Governo de Fernando Henrique.

⁶³ *The meaning of Lula*. The Economist, 00130613, 05/10/2002, vol. 365, número 8293. Base de dados: *Academic Search Premier*

Desde 1998, a economia do Brasil cresce algo em torno de 13,4% ao ano. Porém, mesmo com problemas de dívidas é difícil encontrar até pequenos cortes no orçamento. Um caminho radical, segundo a revista, seria cortar os privilégios dos mais ricos e concentrar o gasto estatal nos pobres.

Um outro temor será o tipo de política que Lula implementará no Brasil. A conversão de Lula para a real economia é muito recente, sua falta de experiência pode, conduzir ao erro. Um possível sucesso de um governo de esquerda pode selar o progresso instável no Brasil, mesmo com uma democracia sólida.

“But this Sunday's election carries unusual significance, and not just for 170m Brazilians. The vote comes as Brazil and much of South America teeter on the edge of another debt-induced financial disaster, with the potential to add a further large dollop of gloom to a sickly world economy.

After two decades in which Brazil's restored democracy, like that of many of its neighbors, has been governed from the centre-right, a victory for Lula would seem to herald an unambiguous shift of direction.

In sum, a Lula victory would do much to demolish the idea, more myth than fact, that Latin American democracy is still just a game rigged for the benefit of the better-off.

(...) Two things have made a Lula victory possible. One is that under Fernando Henrique Cardoso, president for the past eight years, Brazil has moved closer to becoming a stable modern democracy with some solid institutions. Mr. Cardoso ended three decades of inflation, and did much to sort out chaotic public finances and establish an open, market-based, economy (see page 25). In these circumstances, voters are more prepared to take risks. The other is that Lula has taken his party towards the centre--a process that has recently accelerated. This year, for the first time, he has appeared serious about trying to govern Brazil. He has sought and found moderate allies--a necessity given that his party will win less than a fifth of the seats in Congress. And he has scrapped earlier talk of defaulting on debts or reversing Mr. Cardoso's privatizations.

(...) For all that, a Lula presidency will stand or fall on its management of the economy.

(...) A mere 18 months ago, Brazil looked set for sustainable growth. Then problems closed in.

(...) A second big worry concerns what policies Mr. da Silva would implement if he were elected. His conversion to economic reality is too recent to be beyond doubt, and even if it is genuine inexperience could lead to mistakes.

(...) Since 1998, Brazil's economy has grown at a sickly annual average of 13/4%. Yet given the debt problem, it is hard to see any short-cuts. Lower interest rates are vital, but cannot come safely unless confidence improves.

(...) One radical path for Brazil would be to cut the entitlements of the better-off and concentrate state spending on the poor.

A successful government of the left could seal Brazil's still unsteady progress towards prosperity with democracy.

*Maintaining that, without the luxury of piling up more debt, will not be easy.*⁶⁴

Nesta matéria a *The Economist* apresenta, em 5 de outubro de 2002⁶⁵, um pequeno município do Recife chamado “Planeta dos Macacos”. A história deste lugar serve para mostrar como a vida de uma população pobre do Brasil melhorou desde o retorno da democracia em 1985 e mais especificamente desde a eleição de Fernando Henrique Cardoso, em 1994.

Dona Madalena Silva, que já é avó aos seus cinquenta anos vive neste município desde a sua fundação. E ela se recorda como era difícil lidar com a inflação que, por sua vez, terminou com o plano real em 1994, criado por Fernando Henrique, quando era Ministro da Fazenda.

Porém, ao contrário de muitos brasileiros, ela não irá votar em Lula, no domingo de eleições, mas irá votar em José Serra, o candidato de centro-direita e sucessor de

⁶⁴ *The meaning of Lula.* The Economist, 00130613, 05/10/2002, vol. 365, número 8293. Base de dados: *Academic Search Premier.*

⁶⁵ *Can Lula finish the job?* The Economist, 00130613, 05/10/2002, vol. 365, número 8293. Base de dados: *Academic Search Premier.*

Fernando Henrique. Madalena diz que Fernando Henrique foi um ótimo Presidente para os pobres, e segundo ela o motivo de Lula está tão à frente das pesquisas é a revolta da classe média.

As pesquisas mostram que os partidos que apóiam Fernando Henrique Cardoso irão conseguir mais governadores nos Estados brasileiros do que o Partidos dos Trabalhadores ou outro partido de esquerda, assim como também mais cadeiras no Congresso. No entanto, apostar em Lula não tem sido tão arriscado assim. Ainda mais depois que Lula tomou uma posição de centro na política, trocou a calça jeans por um terno para negociações, mas manteve sua barba e continua fazendo grandes promessas de transformação social. Lula irá manter a política de Fernando Henrique e melhorar seus pontos fracos, afirma a revista. Porém, Lula e seus conselheiros trilham contra a política neoliberal de Fernando Henrique.

Em 1994, depois do sucesso de sua política anti-inflação, Fernando Henrique Cardoso entrou para a campanha presidencial com muitas promessas de grandes melhorias no Brasil.

No geral, Fernando Henrique pode se orgulhar por ter cumprido sua promessas. A primeira foi na área da saúde. A mortalidade infantil tem caído significativamente em resposta a vários programas do Governo. Na educação, uma área que o Brasil tem deixado a desejar, também tem tido progresso. Pela primeira vez na história, quase todas as crianças brasileiras estão freqüentando o ensino fundamental, e melhorias ainda estão sendo feitas para o ensino médio beneficiando jovens brasileiros. Dentre muitos programas criados, um foi o Bolsa Escola, um benefício criado por um governador do Partido dos Trabalhadores, a qual uma quantia em dinheiro é pago às famílias, que mandam seus filhos à escola.

Fernando Henrique conseguiu também aumentar o número de crédito para financiar a compra da casa própria.

Um outro problema social presente no Brasil são as invasões, muitas vezes, violenta dos chamados Sem-Terra, que invadem terras de grandes latifundiários como forma de protesto à Reforma Agrária. Em seu Governo, Fernando Henrique Cardoso assentou mais de 600 mil famílias.

De um lado, o Partido dos Trabalhadores tem uma reputação de ser mais honesto que outros partidos, no entanto, um recente escândalo envolvendo um governador petista está começando a quebrar essa tradição.

A dívida brasileira durante o governo de Fernando Henrique só tem crescido. Quando ele assumiu o poder era de 30% do PIB, hoje, a dívida chega a 62%.

Lula promete grandes mudanças, se ele ganhar as eleições. Porém, ele sempre é muito vago em suas promessas. Vago nas mudanças políticas, aparentando não ter idéias concretas. Quanto ao modelo econômico atual ele diz que precisa mudar, mas não diz como fazê-lo.

Segundo a *The Economist*, existe muita diferença entre Fernando Henrique Cardoso e Lula. O primeiro é um acadêmico poliglota, participante importante de muitas cúpulas internacionais, tem como amigos Tony Blair e Bill Clinton. Enquanto o segundo é um líder sindical que, quando tinha seis anos viajou mil milhas até São Paulo em cima de um caminhão

com sua mãe. Lula começou a trabalhar aos 12 anos, não fala nenhuma língua estrangeira, e tem como simpatizantes grandes figuras regionais, como Hugo Chaves e Fidel Castro.

O Partido dos Trabalhadores possui membros com experiência política seja como governador ou até mesmo vereador, no entanto, Lula que é líder do partido não tem nenhuma experiência nesse sentido. Mesmo se Lula ganhar as eleições presidenciais, o Partido dos Trabalhadores está longe de obter maioria das cadeiras no Congresso Nacional, o que o levará a buscar alianças dos partidos de centro.

Com Lula mantendo a política ortodoxa, e a chance de grande parte dos atuais governantes se manterem no poder, aparentemente pode-se dizer que a vida sobre o governo de Lula não será muito diferente. A própria revista se pergunta, o porquê então de tanto pânico no mercado financeiro. Assim que Lula encabeçou as pesquisas de opinião, o Real tem batido recordes de desvalorização, e os números de investidores só tem caído. Segundo a revista, o principal medo dos investidores não é que uma vez eleito Lula rasgará seu terno e revelará o seu antigo lado socialista declarando moratória. O medo é de que Lula seja incapaz de tomar decisões necessárias para estabilizar a dívida em pouco tempo, fazer reformas, e cortar gastos como gordas pensões a ser pagas para empregados públicos votarem nele. Lula terá poucos meses depois de eleito para conquistar a confiança do mercado. Uma coisa ajudaria muito, se o atual presidente do Banco Central não saísse, mas o que tudo indica é que Lula o demitirá.

RECIFE, a north-eastern Brazilian city famous for its vivid Carnival parades, has a district called "Planet of the Apes". The history of this place shows how the lives of Brazil's poor have improved since the country returned to democracy in 1985, and especially since the election in 1994 of President Fernando Henrique Cardoso.

Madalena da Silva, a short, stocky grandmother in her 50s who has lived there since the beginning, remembers how hard it was to cope with the roaring inflation that was ended by the real plan which Mr. Cardoso, then finance minister, launched in 1994.

(...) However, unlike many Brazilians, she will not vote for Lula in Sunday's election but for Jose Serra, the candidate of Mr. Cardoso's centre-right coalition. "Fernando Henrique was a good president for the poor. It is the middle classes who are in revolt," is her theory on why Mr. da Silva is so far ahead of Mr. Cardoso's candidate.

(...) The polls show that parties from Mr Cardoso's coalition are expected once again to capture more state governorships than the PT or other leftish groups, as well as more seats in Congress.

(...) Furthermore, it seems less of a risk to bet on Lula for president after his move to the centre in the current election. Voters may be hoping that the new-look Mr da Silva, who has swapped his jeans for a business suit but has kept his beard and continues to promise big social improvements, will maintain the best of Mr Cardoso's policies while improving on his weak points.

(...) Although Mr da Silva and his aides rail against Mr Cardoso's "neoliberal" policies (...)

(...) With his anti-inflation policy working well, in the 1994 presidential campaign Mr. Cardoso made a number of promises to improve different aspects of Brazil

(...) But broadly speaking, as the charts show, Mr. Cardoso can claim to have kept many of his pledges.

The first was health. Infant mortality--the most widely used yardstick--has fallen significantly in response to various federal programmes, although Brazil remains behind some other comparable countries.

In education, one of the areas in which Brazil has long been backward, progress has been made. For the first time in history, almost all Brazilian children are going to primary school. Enrolments have soared in secondary and higher education, to the benefit of young Brazilians (...)

(...) Among many new reforms was the bolsa escola, a benefit--pioneered by local PT governments--paid to poor families on condition they send their children to school.

Mr Cardoso did not do anything radical about his promise to improve housing. Some big, wasteful federal construction programmes, used by governments to buy off congressmen, were scaled back, and more loans were made to individual house-buyers. Overall, though, the number of homes in Brazil has been rising faster than the population, and many favelas like Planet of the Apes have become proper neighbourhoods, though millions are still poorly housed.

One of Brazil's most enduring social problems has been the sometimes violent conflict between landless peasants and the latifundiarios, owners of huge and often under-used tracts. Mr Cardoso's land reform involved buying such land and helping peasants set up co-operative farms on it. More than 600,000 families have been settled during his mandate, three times as many as in the preceding 30 years--though Mr da Silva and the PT continue to portray themselves as the landless peasants' champions.

(...)The PT has a reputation for being more honest than other parties, though recent scandals in PT local governments are beginning to undermine it.

Although the government has been running ever-larger primary surpluses (ie, before interest payments), Brazil's government debt has soared under Mr Cardoso, hitting a record 62% of GDP this July, compared with 30% when he became president.

Mr da Silva promises big changes if he wins the election. He is vague, however, about what they will be.

But he is fuzzy on policy details, of which he seems to have no grasp. The current economic model, he says, must change; he does not say what he would put in its place.

(...) There should at least be differences in style. Mr Cardoso, the smooth, cosmopolitan, polyglot academic who is in his element at international summits (his friends include Tony Blair and Bill Clinton), will give way to a rough-edged former trade unionist who, at the age of six, made a 1,000-mile journey with his mother to Sao Paulo in a rickety wooden truck. Mr da Silva started work at the age of 12, speaks no foreign languages, and is pally with the two great outcasts of his hemisphere, Cuba's Fidel Castro and Venezuela's populist president, Hugo Chavez.

(...) The PT has some experience running states and cities, often quite efficiently, but its leader has none.

(...) Even if Mr da Silva wins the presidency, the PT will be far short of a majority in Congress and will have to seek support from the centre.

Given Mr da Silva's switch to more orthodox economic policies, and the chance that some parts of the current governing coalition will stay, it seems that life under President Lula might not be so different. So why are the markets panic-stricken at the prospect? As Mr da Silva's lead has increased, the real has fallen to record lows and the spreads on Brazil's bonds (ie, the interest investors expect on them, above that on US Treasuries) have soared. Investors' main worry is not that, once in office, Mr da Silva will rip off his moderate garb to reveal his old, fiery, socialist self and declare a debt moratorium. It is that he may be incapable of taking the tough decisions needed to stabilise the debt--imposing a further fiscal squeeze if needed in the short term, while passing difficult reforms, such as cutting the fat pensions of public servants, who tend to vote for him.

*(...)He will have only a few months from being elected to gain the markets' confidence. It would help if he kept Arminio Fraga as head of the Central Bank, though he has hinted that he will not.*⁶⁶

Em 12 de outubro de 2002⁶⁷, a *The Economist* disse que durante a campanha de Lula em 2002, ele vestiu um terno de negócios, fez alianças com pequenos partidos conservadores e trocou o seu discurso radical que o fez perder as últimas eleições por uma imagem de paz e amor. Isso o fez liderar as pesquisas de intenção de voto, mas provavelmente depois de um debate na televisão alguns eleitores resolveram ter uma segunda opção.

Segundo a *The Economist*, José Serra poderia ter usado melhor os últimos debates na televisão, forçando Lula a falar de sua política econômica, uma vez que seu partido se opôs a muitas reformas econômicas, mas que agora no entanto prometem apóia-las. Esta estratégia com certeza é a melhor esperança para Serra.

Segundo um cientista político da Universidade de Brasília, Lula pode conseguir o apoio de aproximadamente 309 deputados dos 513, e 48 senadores dos 81. O fato de Lula ter conseguido fazer uma coalizão forte, apontar um presidente confiável para o Banco

⁶⁶ *Can Lula finish the job?* The Economist, 00130613, 05/10/2002, vol. 365, número 8293. Base de dados: *Academic Search Premier*.

⁶⁷ *Swating into a second round.* The Economist, 00130613, 12/10/2002, vol. 365, número 8294. Base de dados: *Academic Search Premier*.

Central, e a promessa de forçá-los a aprovar algumas reformas econômicas atrasadas, pode acalmar alguns investidores que temiam que, quando Lula fosse eleito as enormes dívidas públicas não seriam pagas. E desta forma, na semana corrente, o mercado financeiro operou em fortíssima queda, pelo anúncio da liderança de Lula nas eleições. Desta forma, os investidores podem notar que o próximo governo terá um Congresso de centro, com um possível presidente de esquerda que prega o rompimento com o FMI.

“In this campaign, Lula has donned a business suit, formed an electoral pact with a small conservative party and swapped the fiery radicalism that lost him the past three Brazilian elections for moderation and an image of “love and peace”. Final polls had put him close to outright victory. But at the last moment (perhaps due to his stumbling performance in a televised debate), some voters apparently had second thoughts.

(...) Mr Serra would perform a useful service if he used television debates over the next fortnight to force Mr da Silva to spell out his economic policies more clearly--especially since Lula and his party opposed many of the economic reforms that they now promise to uphold. Using such televised debates to expose Mr da Silva's weak grasp of policy details is probably Mr Serra's best hope.

(...) David Fleischer, a political scientist at Brasilia University, reckons that a President Lula could win over 309 deputies in the 513-seat lower house and 48 of 81 senators.

(...) Achieving such a coalition, appointing a credible finance minister and Central Bank president, and pledging to press on with some long-delayed economic reforms might persuade nervous investors that a President Lula could handle Brazil's huge public debts. That would be helpful: Lula's big lead prompted further falls in Brazil's financial markets this week. But investors might note that the next government will be constrained by a centrist Congress. And two hard-left presidential candidates, preaching a rupture with the IMF (...),⁶⁸

Assim como o Real e as economias brasileiras têm caído, as chances de Luiz Inácio Lula da Silva ser o próximo presidente, tem aumentado, segundo a *The Economist* de 19

⁶⁸ *Swating into a second round.* The Economist, 00130613, 12/10/2002, vol. 365, número 8294. Base de dados: Academic Search Premier.

de outubro de 2002⁶⁹. Até mesmo o fato de ter tomado uma posição de centro na política, prometer honrar as dívidas não convenceram os investidores. No primeiro turno das eleições, Lula esteve somente a quatro pontos percentuais da vitória. O segundo turno será dia 27 de Outubro, e com certeza ele vencerá fácil o candidato de direita José Serra.

Já quanto à condição principal para o FMI ter emprestado dinheiro ao Brasil foi que o novo Governo deveria estabilizar a relação do débito evitando excessos no orçamento, com uma diminuição de 3,75% para o próximo ano. E em novembro, o fundo analisará se a meta foi alcançada. Será que o Lula, o provável Presidente do Brasil, irá concordar com esta imposição da meta?

Se Lula vencer as eleições com certeza fará tudo que estiver em seu poder para evitar um desastre maior.

“Brazil's currency and bonds have now been falling for six months, as the chances have grown that the country's next president will be Luiz Inacio Lula da Silva, of the left-wing Workers' Party. In the first-round vote, on October 6th, Mr da Silva was only four points from outright victory. In the second round on October 27th, he should easily beat Jose Serra, the candidate of President Fernando Henrique Cardoso's centre-right coalition. Mr da Silva's shift to the political centre, including a pledge to honour Brazil's debts, rather than "renegotiate" them as he once threatened, has not convinced investors.

(...) The main condition for the IMF's loan was that the new government should seek to stabilize the debt ratio by running a primary budget surplus (that is, a budget surplus before interest payments) equivalent to at least 3.75% of GDP next year. That no longer looks enough. The Fund will review the target in November. Will Mr da Silva, if he is president-elect by then, agree to a rise in the target surplus?

⁶⁹ *The real crisis becomes more so.* The Economist, 00130613, 19/10/2002, vol. 365, número 8295. Base de dados: Academic Search Premier.

*If he wins, Mr da Silva must surely do everything in his power to avoid any such disaster.*⁷⁰

Nesta semana do 26 de outubro de 2002⁷¹, um representante do partido de Lula afirmou que, se preciso for, a política fiscal será ainda mais rígida para garantir a estabilidade das dívidas públicas. No entanto, o que os investidores mais gostariam de saber é o que irá fazer a economia crescer

A resposta de Lula é sentar com governadores, prefeitos, empresários, líderes sindicais, para uma grande conversa de desenvolvimento nacional.

Mas, segundo a revista, não é saudável resolver tudo através de uma negociação. Lula pode entrar em uma discussão já definida pelo Governo anterior, ou iniciar debates, muitas vezes irrelevante. É um desperdício de tempo fazer isso nestes meses tão atribulados na economia.

"This week they rallied after a spokesman said that Lula would further tighten Brazil's fiscal policy, if that was needed to stabilize government debt. But what investors most want to know is who would run the economy. They may not get a swift answer.

(...) Mr da Silva's answer is to sit everyone around the table in a grand "national dialogue". He will seek partnerships with everyone: governors, mayors, bosses, unions, charities.

(...)But nor is it wise to make everything negotiable: Lula might come to regret an offer to talk to governors about another financial bailout--something that Mr Cardoso's fiscal-responsibility law supposedly banished. Many of the grandly-

⁷⁰ *The real crisis becomes more so.* The Economist, 00130613, 19/10/2002, vol. 365, número 8295. Base de dados: Academic Search Premier.

⁷¹ *Talking victory.* The Economist, 00130613, 26/10/2002, vol. 365, nº 8296. Base de dados: Academic Search Premier.

titled forums may simply become irrelevant. But they risk wasting the crucial early months of the presidential term in hot air.”⁷²

Melhor pagar agora e ganhar depois do que de um outro jeito. (diz a *The Economist* se referindo ao FMI no segundo dia de novembro de 2002⁷³).

Mas nada disso irá mudar a natureza de Lula. Essas mudanças são para uma mudança moderada, na consolidação de uma economia capitalista eficiente em um Brasil que tenta diminuir as desigualdades e as injustiças. Esta afirmativa fica claro em suas campanhas. Durante três vezes Lula se apresentou como um anti-capitalista radical, e perdeu todas. Mas este ano, ele fez a paz retórica com a realidade econômica e o FMI.

Lula governará com um Congresso, onde o seu próprio partido; o Partido dos Trabalhadores; obtivera menos de cinquenta cadeiras, e nenhuma das principais cidades do Brasil obteve um petista como governador. Por isso Lula está certo em reconhecer a sua necessidade de se aliar a outros partidos, mas não qualquer tipo de aliança. Pois muitos daqueles que querem apoiá-lo representa a pior parte da política brasileira, como populistas inescrupulosos ou políticos conservadores, que disfarçam seu apetite por “carne de porco” com uma antiga conversa nacionalista.

No entanto, Lula novamente não consegue satisfazer os investidores impacientes que querem saber quem irá compor a sua equipe econômica. Mas de qualquer maneira é melhor que ele escolha o presidente certo, para o Banco Central do que escolher

⁷² *Talking victory*. The Economist, 00130613, 26/10/2002, vol. 365, nº 8296. Base de dados: *Academic Search Premier*.

⁷³ *Lula's hard choice*. The Economist, 00130613, 02/11/2002, vol. 365, nº 8297. Base de dados: *Academic Search*.

rápido. Agora, para escolher uma pessoa com a devida experiência em mercados financeiros e instituições financeiras internacionais, Lula terá que procurar além do PT.

A incerteza de quem sucederia Fernando Henrique e a desconfiança de Lula, ajudou a criar um pânico financeiro, que desvalorizou a moeda brasileira em 40% deste ano de 2002, o que levou a dívida pública a patamares insustentáveis. Deste modo, Lula se encontra em uma das mais difíceis decisões de orçamento público. Ainda mais com as caras promessas que fez. Será que Lula conseguirá dobrar o salário mínimo e ao mesmo tempo domesticar a dívida pública?

Segundo a revista *The Economist*, para problemas como este, Lula terá que contar com uma equipe econômica confiável, uma política fiscal mais rígida e, se necessário mais ajuda do FMI. Assim será o bastante para a economia entrar em um círculo virtuoso, onde a o real voltará a se valorizar, os índices de risco irão cair e a dívida poderá ser paga. Todavia o Brasil pode voltar a tropeçar no caos inflacionário, ou em uma reestrutura da dívida, onde bancos podem falir e que o Governo de Lula nunca poderá recuperar.

O Partido dos Trabalhadores não tem experiência em política a nível nacional, e aproximadamente um terço dos componentes tem origem radical. Lula terá então que ter muita habilidade, quanto a possíveis frustrações quanto às expectativas de movimentos sociais, sindicatos, sem-terra e etc.

“Better pain now and gain later than the other way around.

(...) But none of that should be allowed to distort the nature of Lula's mandate. It is not for revolution. It is for moderate change, for consolidating an efficient capitalist economy in Brazil while trying to tackle unacceptable inequalities and injustices.

(...) That much was clear from the campaign. Three times Lula had stood as an anti-capitalist radical and lost. This year, he made his rhetorical peace with economic reality and the IMF(...)

(...) He will govern with a Congress in which his own Workers' Party (PT) won fewer than a fifth of the seats. And his party has won none of the governorships of key states--powerful jobs in a genuinely federal country.

He is right to recognise the need for allies. But not just any allies. Many of those who have rushed to embrace him represent the worst of Brazilian politics: unscrupulous populists, or conservative political bosses, who thinly disguise their appetite for pork with tired nationalist talk."

(...) Mr da Silva cannot satisfy investors' impatience to know at once who will form his economic team. Anyway, it is more important for him to choose his finance minister and central-bank governor well than instantly: to find people with the required experience of financial markets and international financial institutions, he will have to look beyond the PT itself.

How to avoid a financial collapse.

(...) Uncertainty about who would follow Mr Cardoso, and mistrust of Lula, have helped to create a financial panic that has sliced 40% off the value of the currency this year, in turn driving up the cost of servicing the public debt to unsustainable levels. So Lula faces the trickiest of balancing acts. How can he fulfil his expensive promises (such as a doubling of the minimum wage) at the same time as he tames the public debt?

It involves appointing a reasonably market-friendly economic team, an even tighter fiscal squeeze and, if necessary, seeking further IMF aid. That should be enough to create a virtuous circle in which the currency strengthens, interest rates fall, growth picks up and the public debt becomes manageable.

Otherwise, Brazil may stumble back to inflationary chaos, or a debt restructuring which would wreck its banks and from which Lula's presidency might never recover.

The PT has no experience of national government, and roughly a third of the party remains wedded to the radicalism of the past. Social movements, such as unions and landless farmers, their expectations aroused, may quickly become frustrated. Lula will need to be adept in managing their disappointment."⁷⁴

⁷⁴ *Lula's hard choice.* The Economist, 00130613, 02/11/2002, vol. 365, n° 8297. Base de dados: Academic Search Premier.

Ainda na mesma edição de novembro de 2002⁷⁵, porém em outra matéria, a revista declara que Lula e o Partido dos Trabalhadores aprenderam a ganhar poder, mas agora precisam aprender rápido a governar.

Depois da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas urnas no dia 27 de outubro, já existem planos para fazer da história de vida do Presidente eleito no Brasil um filme. Será mais menos um drama: Lula, como é conhecido pelos brasileiros; nasceu em uma cidade muito pobre no interior do Nordeste, um dos 22 filhos de um trabalhador rural analfabeto, que obriga seus filhos a trabalharem ao invés de mandá-los à escola. Aos sete anos fez uma cruel jornada de treze dias na traseira de um caminhão, com sua mãe e mais sete parentes, para se juntar à casa da concubina de seu pai e seus filhos, em uma cidade no litoral de São Paulo. De um garotinho engraxate, Lula se tornou líder sindical de metalúrgicos, organizando manifestações durante a ditadura nos anos setenta. A partir destas reivindicações surgiu o Partido dos Trabalhadores, atualmente, o maior partido de esquerda da América Latina. E depois de três derrotas nas urnas presidenciais, neste último sábado, aos 57 anos, Lula finalmente se tornou o primeiro líder das classes trabalhadoras, presidente da quarta maior democracia do mundo, prometendo superar a história de desigualdade e exclusão social que assola o Brasil há tanto tempo.

É uma grande história, e ainda vai longe. Mas, como será o final? A vitória de Lula é acompanhada de uma série de fatos que levam o país ao completo desastre.

A primeira questão que Lula tem que responder é quanto a sua capacidade para restaurar a confiança dos mercados brasileiros, bem como estabelecer uma certa confiança de sua própria imagem para governar.

⁷⁵ *From pauper to president: now Lula's struggle begins.* The Economist, 00131613, 02/11/2002, vol. 365, nº 8297.

Em agosto de 2002 quando o FMI emprestou para o Brasil 30 bilhões de dólares, Lula não foi contra. Em contrapartida, ele continua fazendo promessas caras como, por exemplo; erradicar a fome, melhores salários para servidores públicos, mais crédito para as indústrias e os pequenos produtores, mais educação e saúde.

Nesta primeira semana de novembro Lula foi rápido em responder a um pequeno comentário do realismo econômico, que advertia que não existe solução milagrosa para uma grande dívida social. Ele respondeu dizendo que o Brasil está em uma missão rigorosa de controle de gastos públicos e política fiscal, cumprindo assim a condição que o FMI impôs diante do empréstimo.

Para convencer o mercado da sua determinação de estabilizar a dívida pública e evitar erros, Lula terá que entregar um alvo de crescimento do PIB entre 5% e 6% para começar a inspirar confiança. No entanto, os investidores não querem somente saber de alvos econômicos, eles também estão ansiosos para saber os nomes da equipe econômica de Lula.

A melhor opção para Lula seria fechar uma coalizão de centro com o partido do seu principal adversário nas eleições, o PSDB; Democratas Sociais; que hoje tem o atual presidente Fernando Henrique Cardoso e seus aliados do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). No entanto, o PSDB e o PMDB já declararam que estão prontos para assumir uma posição de oposição ao futuro Governo Lula.

Na ausência de uma colisão formal com aqueles que apóiam Fernando Henrique, Lula tem duas opções. Uma seria se aliar com partidos “vira-latas” de esquerda,

populistas e conservadores liberais. Outra e a mais provável seria fazer um pacto governamental entre governadores dos Estados e ele como presidente.

“Lula and his Workers' Party have learned to win power. Now they must learn to govern, and quickly.

AFTER his sweeping victory in October 27th's run-off vote, there are plans to make a film about the life of Luiz Inacio Lula da Silva, Brazil's president-elect. It will be quite a tear-jerker: Lula (as Brazilians know him) was born in the dirt-poor north-eastern backlands, one of 22 children of an illiterate farm worker, who beat them and sent them to work instead of to school. Aged seven, he made a gruelling, 13-day journey on the back of a truck with his mother and seven siblings, to join his father and his mistress and their children in a coastal town near Sao Paulo. He rose from shoe-shine boy to mechanic to leader of the Sao Paulo car workers' union, organising strikes that, in the late 1970s, undermined Brazil's military dictatorship. Out of those strikes emerged the Workers' Party (PT), now Latin America's biggest left-wing party. After three failed presidential bids, last Sunday, his 57th birthday, Lula finally became the first working-class leader of the world's fourth-biggest democracy (and its ninth-largest economy), pledging to overcome, as he put it, Brazil's "historical legacy of inequality and social exclusion". A great story, so far. But how will it end? Lula's victory comes with Brazil's finances teetering on the brink of disaster.

(...) So the first question for Lula is whether he can restore financial confidence, and quickly establish trust in himself and his ability to govern.

(...) In August, when the IMF stepped in with a \$30 billion loan package, he backed it. On the other hand, he continued making big spending promises: an end to hunger and homelessness; better pay for state workers; more aid to industry and to farmers big and small; more education and health care.

This week, Lula was quick to strike a note of economic realism. Warning that "there is no miraculous solution for such a huge social debt", he said Brazil's dire straits demand "austerity in the use of public money". As candidate, he assented to a tightening of Brazil's fiscal policy, as a condition of the IMF's loan

(...) To convince the markets of his determination to stabilise the public debt and avoid a default, Mr da Silva may have to deliver on this promise as soon as this month, when Brazil and the IMF hold their first review of the fiscal target. Raising it to 5% or even 6% of GDP may be the only way to inspire confidence.

(...) Besides economic targets, investors are anxious for names--those of the new economic team.

(...) His best option would be to clinch a centrist coalition with his main adversaries in the election, Mr Cardoso's Social Democrats (PSDB) and their partners, the catch-all Brazilian Democratic Movement (PMDB).

But the PSDB and PMDB have both said that they are preparing for opposition, not government.

(...) In the absence of a formal coalition with Mr Cardoso's support base, Mr da Silva has two options, neither especially palatable. One would be to seek a mongrel coalition spanning the left, assorted populists and bits of the conservative Liberal Front Party. The other, and most probable, would be to seek a looser "governability pact" between governors and president(...)"⁷⁶

Porém, no dia 7 de dezembro de 2002⁷⁷, a revista se refere a Lula dizendo que há uns dias atrás este esquerdista barbudo foi o pesadelo do mundo financeiro. Agora, a moeda brasileira e as finanças tem se encontrado, fazendo àquela conversa de dívida impagável desaparecer.

No entanto, segundo a *The Economist* alguns pontos importantes ainda podem comprometer o sucesso do governo Lula, afirmando que uma pior inflação está voltando, os preços para os consumidores finais estão indo para 10% ao ano, a pior taxa desde 1994, e que Lula está sendo um tanto quanto lento na formação da sua equipe de Governo, mas é compreensível, visto que o Partido dos Trabalhadores tem somente 18% do Congresso, com isso Lula terá que remendar sua equipe com pessoas da sua coalizão.

“Just the other day, this woolly leftist was the nightmare of the financial world. Now the Brazilian currency and bonds have rallied, and talk of imminent debt default has faded.

(...) Worse, inflation is back. Consumer prices are rising by 10% a year, the worst rate since 1994.

⁷⁶ *From pauper to president: now Lula's struggle begins.* The Economist, 00131613, 02/11/2002, vol. 365, nº 8297. Base de dados: *Academic Search Premier.*

⁷⁷ *The fun stops here.* The Economist, 00130613, 07/12/2002, vol. 365, nº 8302. Base de dados: *Academic Search Premier.*

Meanwhile, he has been very slow to name his cabinet. The task is not easy. With the PT controlling just 18% of Congress, Lula must patch together a broad ruling coalition.

(...) The Central Bank post may take longer, and will almost certainly fall to a man with proper market-friendly credentials. Lula has made it clear that he does not want Arminio Fraga to stay.”⁷⁸

⁷⁸ *The fun stops here.* The Economist, 00130613, 07/12/2002, vol. 365, n° 8302. Base de dados: *Academic Search Premier.*

3 ANÁLISE CRÍTICA

A primeira análise crítica que se pode fazer é sobre o modo que a revista *The Economist* apresenta Luis Inácio Lula da Silva para seus leitores. Não ser criterioso e não saber usar as palavras de maneira certa, para descrever um líder de uma nação, ainda mais em uma revista tão conhecida e lida internacionalmente, é certamente comprometer o futuro desta.

Na edição de dois de Novembro de 2002, é publicada uma matéria com o título *From pauper to president: now Lula's struggle really begins*, nela o autor narra a dura infância de Luis Inácio Lula da Silva como um conto de fadas, que pode ser transformado em um filme, desde sua infância no sertão nordestino, passando por sua jornada para São Paulo em cima de um “pau de arara”, seu primeiro trabalho com engraxate e por fim líder sindical e fundador do Partido dos Trabalhadores, chegando a Presidente da República aos 57 anos.

“AFTER his sweeping victory in October 27th's run-off vote, there are plans to make a film about the life of Luiz Inacio Lula da Silva, Brazil's president-elect. It will be quite a tear-jerker: Lula (as Brazilians know him) was born in the dirt-poor north-eastern backlands, one of 22 children of an illiterate farm worker, who beat them and sent them to work instead of to school. Aged seven, he made a gruelling, 13-day journey on the back of a truck with his mother and seven siblings, to join his father and his mistress and their children in a coastal town near Sao Paulo. He rose from shoe-shine boy to mechanic to leader of the Sao Paulo car workers' union, organising strikes that, in the late 1970s, undermined Brazil's military dictatorship. Out of those strikes emerged the Workers' Party (PT), now Latin America's biggest left-wing party. After three failed presidential bids, last Sunday, his 57th birthday, Lula finally became the first working-class leader of the world's fourth-biggest democracy (and its ninth-largest economy), pledging to overcome, as he put it, Brazil's "historical legacy of inequality and social exclusion".⁷⁹

⁷⁹ *From pauper to president: now Lulas's struggle really begins.* Economist, 00130613, 11/2/2002, Vol. 365, Número 8297. Base de dados: Academic Search Premier.

Uma história até aqui comovente para o leitor, isso se quem o escreveu não terminasse com a incerteza de um final feliz nesta história, por conta de crise que acompanha a sua posse.

“A great story, so far. But how will it end? Lula's victory comes with Brazil's finances teetering on the brink of disaster.”⁸⁰

Crise está muito provavelmente criada pela própria publicação de artigos que passam uma imagem de um país de incertezas com um Presidente inexperiente. Apesar da mudança, tanto na aparência como em seus ideais governamentais, a *The Economist* insistia durante algumas edições em reforçar a idéia de que tanto Lula, quanto o Partido dos Trabalhadores não sabiam governar.

“Lula and his Workers' Party have learned to win power. Now they must learn to govern, and quickly.”⁸¹

“The PT has no experience of national government, and roughly a third of the party remains wedded to the radicalism of the past.”⁸²

“So the first question for Lula is whether he can restore financial confidence, and quickly establish trust in himself and his ability to govern.”⁸³

Lula trocou sua calça de brim e camiseta, por um terno, passando uma imagem de negociador, disposto a não ser mais aquele antigo radical político socialista e agradar investidores neoliberais.

⁸⁰ *From pauper to president: now Lulas's struggle really begins.* Economist, 00130613, 11/2/2002, Vol. 365, Número 8297. Base de dados: *Academic Search Premier*.

⁸¹ *From pauper to president: now Lulas's struggle really begins.* Economist, 00130613, 11/2/2002, Vol. 365, Número 8297. Base de dados: *Academic Search Premier*.

⁸² *Lula's hard choice.* Economist, 00130613, 11/2/2002, vol. 365, Número 8297. Base de dados: *Academic Premier*

⁸³ *From pauper to president: now Lulas's struggle really begins.* Economist, 00130613, 11/2/2002, Vol. 365, Número 8297. Base de dados: *Academic Search Premier*.

“Furthermore, it seems less of a risk to bet on Lula for president after his move to the centre in the current election. Voters may be hoping that the new-look Mr. da Silva, who has swapped his jeans for a business suit but has kept his beard and continues to promise big social improvements, will maintain the best of Mr. Cardoso's policies while improving on his weak points.”⁸⁴

Era tudo o que o mundo neoliberal gostaria de ouvir, um candidato até então esquerdista se convertendo aos encantos no mundo da economia livre e capitalista. Ainda mais sabendo que Lula seguirá os mesmos passos de Fernando Henrique Cardoso, que segundo a *The Economist* tem que se orgulhar do que fez pelo Brasil.

“But broadly speaking, as the charts show, Mr. Cardoso can claim to have kept many of his pledges.”⁸⁵

Em uma matéria publicada no dia 5 de outubro; um dia antes das eleições do primeiro turno; intitulada *Can Lula finish the job?* a *The Economist* deixa claro toda sua preferência e incentivo ao estilo neoliberal de Fernando Henrique, e o desprezo pelo futuro Presidente Luis Inácio Lula da Silva. Para persuadir o leitor, a revista usa de um depoimento de uma senhora de 50 anos chamada Madalena da Silva, que mora em uma favela no Recife, chamada Planeta dos Macacos. Ela afirma que não irá votar em Lula e sim em José Serra, o sucessor de Fernando Henrique, pois este fez muito pelos pobres acabando com a inflação mesmo quando era Ministro da Fazenda em 1994.

“RECIFE, a north-eastern Brazilian city famous for its vivid Carnival parades, has a district called "Planet of the Apes". The history of this place shows how the lives of Brazil's poor have improved since the country returned to democracy

⁸⁴ *Can Lula finish the job?* Economist, 00130613, 10/5/2002, Vol. 365, Número 8293. Base de dados: Academic Search Premier.

⁸⁵ *Can Lula finish the job?* Economist, 00130613, 10/5/2002, Vol. 365, Número 8293. Base de dados: Academic Search Premier

in 1985, and especially since the election in 1994 of President Fernando Henrique Cardoso."⁸⁶

*"Madalena da Silva, a short, stocky grandmother in her 50s who has lived there since the beginning, remembers how hard it was to cope with the roaring inflation that was ended by the real plan which Mr. Cardoso, then finance minister, launched in 1994."*⁸⁷

*"However, unlike many Brazilians, she will not vote for Lula in Sunday's election but for Jose Serra, the candidate of Mr. Cardoso's centre-right coalition. "Fernando Henrique was a good president for the poor. It is the middle classes who are in revolt," is her theory on why Mr. da Silva is so far ahead of Mr. Cardoso's candidate."*⁸⁸

Primeiramente, vale destacar que a própria escolha de usar uma favela que tem esse nome já sensibiliza ainda mais o leitor, para imaginar o nível de pobreza desta senhora. Usando isto, a revista repassa a imagem de político dos pobres que Lula tinha, pela sua história de vida, para Fernando Henrique e seu sucessor José Serra. O combate à inflação é colocada como grande conquista para as classes mais baixas.

Mas a *The Economist* também destaca êxitos do Governo FHC, nas áreas da saúde⁸⁹ e moradia⁹⁰.

⁸⁶ *Can Lula finish the job?* Economist, 00130613, 10/5/2002, Vol. 365, Número 8293. Base de dados: Academic Search Premier.

⁸⁷ *Can Lula finish the job?* Economist, 00130613, 10/5/2002, Vol. 365, Número 8293. Base de dados: Academic Search Premier.

⁸⁸ *Can Lula finish the job?* Economist, 00130613, 10/5/2002, Vol. 365, Número 8293. Base de dados: Academic Search Premier.

⁸⁹ *"The first was health. Infant mortality--the most widely used yardstick--has fallen significantly in response to various federal programmes, although Brazil remains behind some other comparable countries."* - *Can Lula finish the job?* Economist, 00130613, 10/5/2002, Vol. 365, Número 8293. Base de dados: Academic Search Premier.

⁹⁰ *"Mr Cardoso did not do anything radical about his promise to improve housing. Some big, wasteful federal construction programmes, used by governments to buy off congressmen, were scaled back, and more loans were made to individual house-buyers. Overall, though, the number of homes in Brazil has been rising faster than the population, and many favelas like Planet of the Apes have become proper neighbourhoods, though millions are still poorly housed."* - *Can Lula finish the job?* Economist, 00130613, 10/5/2002, Vol. 365, Número 8293. Base de dados: Academic Search Premier.

Outro fato que a revista destaca e engrandece Fernando Henrique foi o fato de ter assentado mais de 600 mil famílias do polêmico Movimento Sem Terra, que muitas vezes fazem ocupações violentas.

“One of Brazil's most enduring social problems has been the sometimes violent conflict between landless peasants and the latifundiarios, owners of huge and often under-used tracts. Mr Cardoso's land reform involved buying such land and helping peasants set up co-operative farms on it. More than 600,000 families have been settled during his mandate(...)”⁹¹

Lembrando que foi durante o governo de FHC que, em 1996, aconteceu o Massacre do Carajás, quando 19 sem-terras morreram e 69 ficaram feridas pela Polícia Militar do Estado do Pará⁹².

A revista também honra o governo de FHC por ter incentivado famílias a enviarem seus filhos à escola. Apesar de admitir que o programa de incentivo Bolsa-Escola tenha sido criado pelo Partido dos Trabalhadores.

“For the first time in history, almost all Brazilian children are going to primary school. Enrolments have soared in secondary and higher education, to the benefit of young Brazilians (...) Among many new reforms was the bolsa escola, a benefit--pioneered by local PT governments--paid to poor families on condition they send their children to school.”⁹³

A forma como a revista apresenta a melhoria na educação brasileira através do programa bolsa-escola, mostra que Fernando Henrique é responsável por colocar em prática um projeto que o PT não conseguiria implantar.

⁹¹ *Can Lula finish the job?* Economist, 00130613, 10/5/2002, Vol. 365, Número 8293. Base de dados: *Academic Search Premier*.

⁹² <http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=349246>. Disponível dia 18/04/2007.

⁹³ *Can Lula finish the job?* The Economist, 00130613, 05/10/2002, vol. 365, número 8293. Base de dados: *Academic Search Premier*.

Ainda nesta mesma matéria a revista *The Economist*, começa a comparar FHC e Lula, em todos os sentidos, capacidade de governança econômica, bem como política, e ainda por cima os compara intelectualmente⁹⁴. E é a partir destas notas será abordado dois pilares importantes na análise de um futuro governante: a Política e a Economia.

3.1 Política

Com relação aos temas políticos que a revista *The Economist* se refere ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva, serão abordados dois segmentos. O primeiro se refere à busca de aliados para ajudar na aprovação de projetos e atos do seu futuro governo. O segundo será sobre posição política em si (esquerda, centro e direita), e a forma como a revista explanou esta mudança na figura de Lula.

Para que uma medida feita pelo Presidente da República, em benefício da população seja cumprida, ela necessariamente precisa ser aprovada pela maioria do Congresso Nacional, passando geralmente pelas duas Casas que o compõe; Câmara dos Deputados e Senado. Contudo, é fato que no Brasil por mais benéfica que seja tal medida para a população, o processo de aprovação é conflituoso. Isto se dá simplesmente pelo fato de disputa midiática em relação ao partido que criou o projeto de lei.

O período pré-eleitoral demonstrou grande insegurança dos investidores quanto aos cenários que poderiam ser estabelecidos no Brasil com a vitória de Lula. O risco Brasil foi

⁹⁴ “There should at least be differences in style. Mr Cardoso, the smooth, cosmopolitan, polyglot academic who is in his element at international summits (his friends include Tony Blair and Bill Clinton), will give way to a rough-edged former trade unionist who, at the age of six, made a 1,000-mile journey with his mother to Sao Paulo in a rickety wooden truck. Mr da Silva started work at the age of 12, speaks no foreign languages, and is pally with the two great outcasts of his hemisphere, Cuba's Fidel Castro and Venezuela's populist president, Hugo Chavez.” - *Can Lula finish the job?* Economist, 00130613, 10/5/2002, Vol. 365, Número 8293. Base de dados: *Academic Search Premier*.

elevado fortemente, e a moeda nacional foi muito desvalorizada frente do dólar. Isso revela a ligação estreita entre política e economia.

Essa insegurança dos investidores pode ter sido estimulada por veículos de imprensa respeitados, como a *The Economist*, fazendo ligações obrigatórias entre a orientação esquerdista do PT com uma reviravolta nas conquistas econômicas do período FHC. Tal linha de raciocínio desenvolvida pela revista fez com que a ideologia de Lula soasse como ameaça para os investimentos feitos no Brasil.

Assim como houve forte influência externa para o estabelecimento de ditaduras militares na América Latina e também para o aparecimento dos movimentos para sua redemocratização, no período pré-eleitoral de 2002, observou-se também essa tentativa para evitar que o Brasil experimentasse ser governado por um partido de esquerda.

“After two decades in which Brazil's restored democracy, like that of many of its neighbors, has been governed from the centre-right, a victory for Lula would seem to herald an unambiguous shift of direction”⁹⁵.

Nesta citação a própria revista admite a orientação neoliberal dos governos brasileiros nos últimos 20 anos, e demonstra receio quanto ao futuro do país sob a liderança de Lula.

“A successful government of the left could seal Brazil's still unsteady progress towards prosperity with democracy.”⁹⁶

⁹⁵ *The meaning of Lula.*, Economist, 00130613, 5/10/2002, Vol. 365, Número 8293. Base de dados: *Academic Search Premier*.

⁹⁶ *The meaning of Lula.*, Economist, 00130613, 5/10/2002, Vol. 365, Número 8293. Base de dados: *Academic Search Premier*.

Reafirmando a posição editorial da revista, essa citação passa ao leitor a ameaça de instabilidade econômica, e até mesmo desastre, como consequência de um Governo de esquerda.

Aparentemente, para desvincular seu nome e sua plataforma de Governo dessa ameaça construída pela mídia internacional, Lula resolveu atenuar seu discurso e sua propaganda eleitoral defendendo idéias mais para o centro, na tentativa de viabilizar a realização de seu anseio pela Presidência da República, buscando agradar os setores da sociedade influenciados por àquela ameaça.

“(...) Lula has taken his party towards the centre--a process that has recently accelerated. This year, for the first time, he has appeared serious about trying to govern Brazil. He has sought and found moderate allies--a necessity given that his party will win less than a fifth of the seats in Congress. And he has scrapped earlier talk of defaulting on debts or reversing Mr. Cardoso's privatizations.”⁹⁷

Percebeu-se que, mesmo indicando a aproximação de Lula para o centro, a revista chega a ser irônica ao afirmar que, com isso, Lula se mostra pela primeira vez capaz de governar o país. Além disso, coloca essa mudança como explicação para o seu sucesso nas pesquisas de intenção de voto. Dessa maneira, ela insinua que sua posição liberal é a correta e a capaz de vencer.

“ In the second round on October 27th, he should easily beat Jose Serra, the candidate of President Fernando Henrique Cardoso's centre-right coalition. Mr da Silva's shift to the political centre, including a pledge to honour Brazil's debts, rather than "renegotiate" them as he once threatened, has not convinced investors.”⁹⁸

⁹⁷ *The meaning of Lula.*, Economist, 00130613, 5/10/2002, Vol. 365, Número 8293. Base de dados: *Academic Search Premier*.

⁹⁸ *The real crisis becomes more so*, Economist, 00130613, 19/10/2002, Vol. 365, Número 8295. Base de dados: *Academic Search Premier*.

A primeira contagem de votos mostrou que Lula ficou a apenas 4% de uma vitória no primeiro turno. A revista reconhece esse grande feito, bem como a dificuldade de José Serra “virar o jogo”, no entanto, continua insistindo na ameaça de que os investidores não confiam em Lula.

Disposta a denegrir a imagem de Lula perante seus leitores, a revista especula sobre sua real capacidade em conseguir maioria no Congresso, para aprovar seus projetos. Ela chega até mesmo a divulgar números sobre quantidade possível de cadeiras do partido do presidente. Assim, demonstra audácia ao informar que o PT conseguiria eleger um número em torno de 80 Deputados Federais.

“The PT may win only about 80 of the 513 seats in Congress’s lower house.”⁹⁹

Num quadro assim, com somente 80 cadeiras na Câmara dos Deputados, um governo de esquerda liderado por Lula ficaria totalmente inviabilizado.

Daí, a revista passa a sugerir que Lula inicie a formação de alianças que venham a garantir apoio legislativo para aprovação de sua plataforma de Governo.

“ Many of those who have rushed to embrace him represent the worst of Brazilian politics: unscrupulous populists, or conservative political bosses, who thinly disguise their appetite for pork with tired nationalist talk.”¹⁰⁰

É evidente que em momentos como este, de formação de um novo Governo, muitos partidos se sentem atraídos pela possibilidade de participarem no poder. No entanto,

⁹⁹ *Lula scents victory at last.* Economist, 00130613, 21/9/2002, Vol. 364, Número 8291. Base de dados: *Academic Search Premier.*

¹⁰⁰ *Lula’s hard choice,* Economist, 00130613, 02/11/2002, Vol. 365, Número 8297. Base de dados: *Academic Search Premier.*

segundo a revista, a formação desta aliança não terá sucesso, se formada por políticos populistas chefes políticos conservadores.

Nesse ponto, a revista chega até a recomendar que a melhor opção para Lula seria se aliar ao principal adversário, Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, e seus parceiros do PMDB, os quais guardam forte orientação neoliberal, o que coincide com a linha editorial da revista.

“His best option would be to clinch a centrist coalition with his main adversaries in the election, Mr Cardoso's Social Democrats (PSDB) and their partners, the catch-all Brazilian Democratic Movement (PMDB).”¹⁰¹

Na seqüência, o autor da reportagem da revista tenta induzir os leitores a acreditarem que o novo Governo terá base muito frágil, afirmando o seguinte:

“But the PSDB and PMDB have both said that they are preparing for opposition, not government.”¹⁰²

Com sua influência, esse veículo de imprensa tenta agravar ainda mais a situação do governo em formação, afirmando que a única alternativa que lhe resta seria obter apoio de pequenos partidos de esquerda, gerando uma aliança de baixa qualidade. Essa conotação fica clara, pois sob sua ótica, seriam os partidos liberais os que poderiam dar base sólida a Lula.

“In the absence of a formal coalition with Mr Cardoso's support base, Mr da Silva has two options, neither especially palatable. One would be to seek a

¹⁰¹ *From pauper to president: now Lula's struggle really begins*, The Economist, 00130613, 02/11/2002, Vol. 365, nº 8297.

¹⁰² *From pauper to president: now Lula's struggle begins*. The Economist, 00131613, 02/11/2002, vol. 365, nº 8297. Base de dados: *Academic Search Premier*.

mongrel coalition spanning the left, assorted populists and bits of the conservative Liberal Front Party."¹⁰³

Talvez, para atenuar essa postura tão agressiva, *The Economist* apresenta uma sugestão mais moderada, mas não menos crítica, de que Lula deve dividir seu poder com os governadores estaduais.

*"The other, and most probable, would be to seek a looser "governability pact" between governors and president(...)"*¹⁰⁴

Sua argumentação insiste em que o Partido dos Trabalhadores conseguiu poucas cadeiras no Congresso e que nenhum dos Estados importantes terão governadores petistas. Isso vem reforçar sua intenção de passar aos leitores a idéia de que o novo Governo brasileiro será fraco.

*"He will govern with a Congress in which his own Workers' Party (PT) won fewer than a fifth of the seats. And his party has won none of the governorships of key states--powerful jobs in a genuinely federal country."*¹⁰⁵

3.2 Economia

Como um veículo de imprensa liberal, percebemos nas reportagens citadas que a revista *The Economist* tenta utilizar sua força como formadora de opinião junto aos atores que podem influenciar os rumos da eleição presidencial de 2002.

¹⁰³ *From pauper to president: now Lula's struggle begins.* The Economist, 00131613, 02/11/2002, vol. 365, nº 8297. Base de dados: *Academic Search Premier*.

¹⁰⁴ *From pauper to president: now Lula's struggle really begins,* The Economist, 00130613, 02/11/2002, Vol. 365, nº 8297.

¹⁰⁵ *Lula's hard choice,* The Economist, 00130613, 02/11/2002, vol. 365, nº 8297. Base de dados: *Academic Search Premier*.

Como se trata de uma revista especializada em economia, sua linha editorial atuou no sentido de traçar um quadro desastroso das condições econômicas do nosso país para direcionar as decisões de apoio ao candidato mais alinhado com sua ideologia liberal.

Nessa linha apresenta a dívida brasileira como uma incógnita para o futuro da nossa economia, e as dificuldades do pagamento dessa dívida como fator de enorme ameaça aos interesses do capital internacional.

“Mr Williamson starts by asking: how much debt? This is no simple matter. For instance, it is hard to know which government assets and liabilities (eg, those of state-owned banks) should be counted towards its net indebtedness. And the oscillations of the real make it hard to put a value on the chunk of debt tied to the dollar. Mr Williamson reckons that Brazil’s net public debt on August 8th, the day after IMF announced its rescue, was 841 billion reais, or \$288 billion at that day’s exchange rate – that is, equivalent to two-thirds of Brazilian GDP, up from 30% in 1994.”¹⁰⁶

Aqui é passada a idéia da dimensão da dívida brasileira, quase R\$ 850 bilhões, equivalente a dois terços do PIB brasileiro, como algo impagável. Além do quê, a flutuação do Real tem feito esse valor aumentar significativamente, devido aos débitos terem sido contraídos em dólares dos Estados Unidos.

A seguir, a revista tenta convencer o leitor que a solução ou colapso financeiro do Brasil depende de decisão dos investidores.

“Nevertheless, if the markets now become convinced that a default can be avoided, the real should recover some of its recent losses, lenders should resume offering money at reasonable rates of interest, and Brazil should resume reasonable growth, of around 4%, say. This would be enough, Mr Williamson reckons, for the public debt-GDP ratio to start falling, and for fears to be eased that Brazil is running out of dollars to pay its foreign debt. But if current market conditions continue, disaster looms: if the real does not recover, and

¹⁰⁶ *A matter of faith.* The Economist, 00130613, 17/08/2002, Vol. 364, Número 8286. Base de dados: *Academic Search Premier.*

Brazil has to roll over its expiring debt at current market rates, then the debt-GDP ratio could rise by another nine points this year. That, says Mr Williamson, is scary. Three-quarters of the government's debt is with local investors, who can be leaned on to keep funding it. Yet the debt ratio could reach a point where it becomes politically impossible to cut spending and raise taxes any further to try to stabilise it”¹⁰⁷

E mais do que isso se refere à situação como assustadora, ao pagamento da dívida como algo impossível, além de ousar a indicação da saída do caos: aumento de impostos e cortes nos gastos.

“If only investors could be convinced the debt would remain manageable under a Lula government, the real would rise and interest rates fall, thereby lowering the cost of debt service. Otherwise, the debt could become unbearable.”¹⁰⁸

A defesa dessa idéia é feita repetidas vezes: somente os investidores é que podem manter a dívida brasileira gerenciável, de outro modo o desastre será certo.

Durante a campanha presidencial de 2002, à medida que as pesquisas mostravam aumento da preferência dos eleitores por Lula, os indicadores econômicos registravam o quanto a influência de veículos como a revista *The Economist* encontravam abrigo junto ao mercado internacional: o risco Brasil pulou para mais de dois mil pontos e o valor do Real despencou para uma cotação de quase 4 para 1, em relação ao dólar.

“Yet Mr da Silva has extended his lead, the real has fallen further September 24th's record low of 3.78 to the dollar means it has lost almost 40% of its value this year. After the IMF deal was announced, the risk premium on Brazil's bonds – their yield above American Treasury bonds – recovered from 2,294

¹⁰⁷ *A matter of faith.* The Economist, 00130613, 17/08/2002, Vol. 364, Número 8286. Base de dados: *Academic Search Premier.*

¹⁰⁸ *Lula scents victory at last.* The Economist, 00130613, 21/09/2002, Vol 364, número 8291. Base de dados: *Academic Search Premier.*

*basis points (22.9 percentage points) to 1,687. This week the risk premium jumped back above 2,100.*¹⁰⁹

Convencida da sua influência junto aos investidores, a revista ataca o candidato Lula na sua capacidade de conduzir a economia brasileira a bom termo e até mesmo sua habilidade para governar.

*“So the first question for Lula is whether he can restore financial confidence, and quickly establish trust in himself and his ability to govern.”*¹¹⁰

*“A second big worry concerns what policies Mr. da Silva would implement if he were elected. His conversion to economic reality is too recent to be beyond doubt, and even if it is genuine inexperience could lead to mistakes.”*¹¹¹

*“For all that, a Lula presidency will stand or fall on its management of the economy.”*¹¹²

Deve ser também ressaltado que esses ataques à capacidade do candidato líder nas pesquisas são repetidas vezes acompanhados do desenho de um cenário desastroso para o futuro da economia brasileira.

*“Brazil is on the path towards a debt default” says David Malpass of Bear Stearns, an American investment bank (...) Walter Molano, an occasionally wise investment analyst from BCP Securities, an American firm, says Brazil “should “throw in the towel” now ad start “an orderly restructuring” of its debt before things get worse”*¹¹³

¹⁰⁹ *Race against time.* The Economist 00130613, 28/09/2002, vol. 364, número 8292. Base de dados: *Academic Search Premier.*

¹¹⁰ *From pauper to president: now Lula’s struggle begins.* The Economist, 00131613, 02/11/2002, vol. 365, nº 8297. Base de dados: *Academic Search Premier.*

¹¹¹ *The meaning of Lula.* The Economist, 00130613, 05/10/2002, vol. 365, número 8293. Base de dados: *Academic Search Premier.*

¹¹² *The meaning of Lula.* The Economist, 00130613, 05/10/2002, vol. 365, número 8293. Base de dados: *Academic Search Premier.*

¹¹³ *Panic comes calling,* The Economist, 00130613, 03/08/2002, Vol. 364, Número 8284. Base de dados: *Academic Search Premier.*

Finalmente, às vésperas da eleição, vendo o candidato Lula à frente nas pesquisas, a revista *The Economist* faz a afirmativa surpreendente de que sua eleição pode levar toda a América do Sul ao desastre financeiro.

*“But this Sunday's election carries unusual significance, and not just for 170m Brazilians. The vote comes as Brazil and much of South America teeter on the edge of another debt-induced financial disaster, ...”*¹¹⁴

A preferência da *The Economist* pelo sucessor de FHC é mais uma vez explícita.

*“The nerves may only be calmed if and when Mr Serra begins to look capable of beating not just Mr Gomes but Mr da Silva. Mr Serra, because of his broader alliance, is entitled to as much free media time as both his rivals combined.”*¹¹⁵

Será mesmo que esse pânico é causado somente porque Serra não está encabeçando as pesquisas? Ou porque quando isso acontecer mídias como *The Economist* cessarão de fazer comentários maldosos sobre o futuro de um país que está mudando sua tradição de uma série de governantes de direita?

Como se isso não bastasse a revista continua criticando a incapacidade de Lula quanto a possíveis mudanças na economia do país.

*“But Mr da Silva still cannot resist making big spending promises. This week, he pledged to double the value of minimum wage in four year (...) this would be unaffordable without a drastic social – security reform, something that Lula's advisers admit will be tough.”*¹¹⁶

¹¹⁴ *The meaning of Lula.* The Economist, 00130613, 05/10/2002, vol. 365, número 8293. Base de dados: *Academic Search Premier.*

¹¹⁵ *On the attack.* The Economist, 00130613, 31/08/2002, Vol. 364, Número 8288. Base de dados: *Academic Search Premier.*

¹¹⁶ *Lula scents victory at last.* The Economist, 00130613, 21/09/2002, Vol 364, número 8291. Base de dados: *Academic Search Premier.*

Outro ponto importante que a *The Economist* destaca em suas edições em relação ao futuro econômico do Brasil é quanto à escolha do presidente do Banco Central. Admitindo o potencial de vitória nas urnas de um Presidente sem tradição neoliberal, Luiz Inácio Lula da Silva, a revista expõe ainda outra condição para um menor colapso financeiro.

“Another key test would be choice of finance minister and central-bank governor. The PT has few people with experience of international financial markets. However, investment bankers and officials at multilateral agencies praise Mr. da Silva’s team for being keen to listen. Intriguingly, Senator Aloizio Mercadante, an economist and one of Mr. da Silva’s closest aides, recently ran a poll on his website asking if Arminio Fraga, the current central-bank chief who has investors’ trust, should stay.”¹¹⁷

Manter Armínio Fraga na presidência do Banco Central significa que um neoliberal está no controle da administração econômica do país. O que faz segundo a revista animar investidores externos. Situação esta que transmite dúvida ao leitor quanto à capacidade de alguém do Partido dos Trabalhadores assumir tal cargo.

“Besides economic targets, investors are anxious for names--those of the new economic team.”¹¹⁸

“Mr. da Silva cannot satisfy investors’ impatience to know at once who will form his economic team. Anyway, it is more important for him to choose his finance minister and central-bank governor well than instantly: to find people with the required experience of financial markets and international financial institutions, he will have to look beyond the PT itself.”¹¹⁹

Inexperiência essa que é reforçada pela *The Economist*, reafirmando sua antipatia ao Partido dos Trabalhadores.

¹¹⁷ *Lula scents victory at last.* The Economist, 00130613, 21/09/2002, Vol 364, número 8291. Base de dados: Academic Search Premier.

¹¹⁸ *From pauper to president: now Lula’s struggle begins.* The Economist, 00131613, 02/11/2002, vol. 365, nº 8297. Base de dados: Academic Search Premier.

¹¹⁹ *Lula’s hard choice.* The Economist, 00130613, 02/11/2002, vol. 365, nº 8297. Base de dados: Academic Search Premier.

Diante de toda essa abordagem que a *The Economist* faz ao longo do atribulado semestre de 2002, ela consegue desesperar os investidores com a seguinte declaração:

*“The Central Bank post may take longer, and will almost certainly fall to a man with proper market-friendly credentials. Lula has made it clear that he does not want Arminio Fraga to stay.”*¹²⁰

Outro fator muito abordado na *The Economist* é a questão do FMI. Oriunda das Conferências de Bretton Woods¹²¹, o FMI (Fundo Monetário Internacional) surgiu em 1945, com o objetivo básico de zelar pela estabilidade do sistema monetário internacional. Deste modo, este Fundo procura evitar que desequilíbrios nos balanços de pagamentos e nos sistemas cambiais dos países-membros possam prejudicar a expansão do comércio e dos fluxos de capitais internacionais. O FMI também concede recursos temporariamente, para evitar ou remediar desequilíbrios no balanço de pagamento, além de planejar e monitorar programas de ajustes estruturais e oferecer assistência técnica e treinamento para os países membros.

Na abertura da Conferência de Bretton Woods, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Henry Morgenthau, fez a seguinte declaração:

*“We are to concern ourselves here with essential steps in the creation of a dynamic world economy in which the people of every nation will be able to realize their potentialities in peace; will be able, through their industry, their inventiveness, their thrift, to raise their own standards of living and enjoy, increasingly, the fruits of material progress on an earth infinitely blessed with natural riches.”*¹²²

No entanto, bem sabemos que por trás destas palavras, estava o interesse dos Estados Unidos em garantir o “livre comércio”, sem barreiras para seus produtos, num momento

¹²⁰ *The fun stops here*. The Economist, 00130613, 07/12/2002, vol. 365, nº 8302. Base de dados: *Academic Search Premier*.

¹²¹ <http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/relex/mre/orgfin/fmi/index.htm>, disponível em 07/09/2007.

¹²² <http://www.ena.lu/mce.cfm>, disponível em 07/09/2007.

em que era o único país do norte a dispor de excedentes de mercadorias. Além disso, queriam facilitar seus investimentos externos e acesso livre às fontes de matérias-primas.

O FMI ganhou ainda mais importância em decorrência da crise da dívida externa nos anos 80 e a delicada situação do balanço de pagamentos brasileiro, o país recebeu assistência financeira e cumpriu vários programas de ajuste econômico monitorados pelo Fundo. Pois o FMI somente autoriza empréstimos para os países que se dispuserem a adotar programas de ajuste neoliberal em suas economias.

No trecho analisado, abaixo, a *The Economist* aponta, segundo seus conceitos, um defeito de Lula: o fato de ele ter liderado movimentos contra o FMI, passando aos investidores uma sensação de insegurança.

“Not so long ago Mr da Silva's Workers' Party (PT) was organising anti-IMF marches and talking of "renegotiating" both Brazil's IMF agreement and its other debts (...).

Such is Mr da Silva's grip over his party that he runs little risk of an internal rebellion over any pact with the IMF, reckons Fernando Abrucio, a political scientist at Sao Paulo's Catholic University.”¹²³

A revista usa um cientista político brasileiro como um potente artefato para convencimento do leitor internacional sobre a real situação do Brasil. Para o leitor-investidor não existe ninguém melhor para dar ouvidos do que um analista brasileiro, ainda mais diante de uma insinuação de perigo por parte da revista.

A relação de Lula com o FMI é citada, por diversas vezes, na *The Economist*, e é sempre abordada como um ponto negativo para sua imagem. É certo que a

¹²³ *Pacting with the enemy*. The Economist, 00130613, 12/07/2002, Vol. 364, Número 8281. Base de dados: Academic Search Premier.

preocupação de um possível calote com o Fundo preocupa muito os investidores. O caso recente do Argentina, no entanto, mostrou que, embora tenha havido rompimento com aquele organismo internacional, seu crescimento tem experimentado índices bem melhores que o caso brasileiro.

Se para a revista, Lula representa uma ameaça de rompimento com o FMI, o tamanho da dívida brasileira representa um enorme risco para o Fundo e os investidores internacionais, pois no período FHC ela foi duplicada, o que jogaria sobre os ombros do novo Governo a responsabilidade do seu pagamento.

*“Although the government has been running ever-larger primary surpluses (i.e., before interest payments), Brazil's government debt has soared under Mr. Cardoso, hitting a record 62% of GDP this July, compared with 30% when he became president.”*¹²⁴

Uma observação: somente neste trecho, a revista comenta algo ruim sobre Fernando Henrique Cardoso, José Serra, ou qualquer figura e situação que tange o neoliberalismo.

Na primeira edição de agosto, a *The Economist*, como é de costume, indica atitudes, a serem tomadas pelo novo Governo, como se fosse uma receita de bolo para escapar da tempestade: novo pedido de ajuda, superávits fiscais e metas de inflação.

*“(...) things could now help Brazil ride out the storm. The first is more aid from the IMF. (...)”*¹²⁵

“What is need now is their verbal assent to two main strands of macroeconomic policy: the large fiscal surpluses required to stabilise the public dept, and the

¹²⁴ *Can Lula finish the job?* Economist, 00130613, 10/5/2002, Vol. 365, Número 8293. Base de dados: *Academic Search Premier*.

¹²⁵ *Stopping the rot in Brazil.* The Economist, 00130613, 03/08/2002, Vol. 364, Número 8284. Base de dados: *Academic Search Premier*.

inflation-targeting system that gives monetary stability under a floating exchange rate."¹²⁶

Percebe-se que a revista sugere maior comprometimento do Brasil com o FMI, mesmo que sua dívida corresponda a 62% do PIB.

Na seqüência, a revista tenta mostrar que Lula se dobrou às suas sugestões e saiu em busca de alternativas, para atenuar os receios construídos no mercado, pela mídia neoliberal, em torno de sua defesa histórica de rompimento com o FMI.

"This week, Lula was quick to strike a note of economic realism. Warning that "there is no miraculous solution for such a huge social debt", he said Brazil's dire straits demand "austerity in the use of public money". As candidate, he assented to a tightening of Brazil's fiscal policy, as a condition of the IMF's loan."¹²⁷

Nesse ponto, a revista passa a cobrar do candidato Lula que apresente metas de crescimento do PIB, para começar a inspirar confiança aos investidores.

"To convince the markets of his determination to stabilise the public debt and avoid a default, Mr da Silva may have to deliver on this promise as soon as this month, when Brazil and the IMF hold their first review of the fiscal target. Raising it to 5% or even 6% of GDP may be the only way to inspire confidence."¹²⁸

¹²⁶ *Stopping the rot in Brazil.* The Economist, 00130613, 03/08/2002, Vol. 364, Número 8284. Base de dados: Academic Search Premier.

¹²⁷ *From pauper to president: now Lula's struggle begins.* The Economist, 00131613, 02/11/2002, vol. 365, nº 8297. Base de dados: Academic Search Premier.

¹²⁸ *From pauper to president: now Lula's struggle begins.* The Economist, 00131613, 02/11/2002, vol. 365, nº 8297. Base de dados: Academic Search Premier.

CONCLUSÃO

Durante o desenvolvimento deste projeto de pesquisa foram observadas críticas especulatórias da mídia internacional, durante o período pré-eleições no Brasil, em 2002. Concentrando-se em notícias da principal revista neoliberal existente, qual seja, *The Economist*, que por sua vez, publicou durante o segundo semestre de 2002 possíveis mudanças na política econômica brasileira, se o então candidato metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva ganhasse as eleições.

Concluiu-se que as pessoas não respondem diretamente aos fatos do mundo real, mas que vivem em um pseudo-ambiente, composto pelas imagens criadas em suas cabeças, e, no entanto a mídia tem um papel importantíssimo no fornecimento destas imagens e na configuração deste pseudo-ambiente.

Além disso, através das declarações feitas pela *The Economist* foi possível identificar o poder de influência que esta teve sobre o cenário político-econômico do país, ainda mais por se tratar de uma revista com publicação internacional. Influência essa que ganha força, devido à legitimação do direito a voz dos veículos de mídia e dos atores sociais que neles veiculam suas vozes.

Nos dias de hoje, com televisão, celulares, internet, temos acesso a notícias em tempo real. No entanto, a forma como a notícia é transmitida tem o poder de influenciar leitores e fazê-los tomar decisões baseadas no que eles lêem. Será que as notícias que lemos ou assistimos na televisão são reais?

Pode ser concluído que a mídia também tem o poder exercer influência no cenário das Relações Internacionais. Neste estudo, a revista *The Economist* talvez tenha parte quanto à pior crise econômica da história do real, bem como a mudança no perfil de Lula e seus assessores. Podemos concluir isto pelos comentários e indicações de ações que tal revista faz.

A revista, ciente do seu poder, desqualifica diversas vezes a capacidade de governança do candidato Luiz Inácio Lula da Silva, sempre se referindo a ele como o motivo do pânico no mercado financeiro, e enquadrando-o como inexperiente e incapaz de trazer mudanças positivas e crescimento para o Brasil.

Foi confirmado, quão interessante é estudar o impacto da mídia nas relações internacionais, o poder que a própria mídia tem para influenciar a mudança de cenários e focar decisões importantes, seja de governantes ou de investidores internacionais.

A necessidade de ampliar o estudo foi desafiante. Ampliar no sentido de realmente pesquisar, o que primeiramente se pensava em fazer, bem como fazer a análise do mesmo período, pela visão de uma mídia com ideal socialista, o *El País*, e também por que não estudar outros momentos na história mundial. Quem sabe através desta análise podemos descobrir fatos surpreendentes de transformação, através do uso da mídia.

BIBLIOGRAFIA

BARROS FILHO, Clóvis de **Ética na Comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo: Moderna, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

DOYLE, M. W. *Liberalism and world politics*. *American Political Science Review*, nº 40, v.80, dezembro de 1986.

EBSCO HOST, Research Databases: www.esbco.com

FRIEDMAN, T.L. **O lexis e a oliveira: entendendo a globalização**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

KANT, I. **A paz perpétua**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

KEOHANE, R. O. *After hegemony: cooperation and discord in the world political economy*. Princeton University Press, 1984.

McCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. **A função do agendamento dos media**, 1972 In: TRAQUINA, Nelson. *O Poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Minerva, 2000.

McCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. **A evolução da pesquisa sobre o agendamento: vinte e cinco anos no mercado de idéias**, 1993 In: TRAQUINA, Nelson. *O Poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Minerva, 2000.

MORAVCSIK, A. *Taking preferences seriously: a liberal theory of international politics*. *International Organization*, v. 51, n. 4, outono de 1997.]

RODRIGUES, Malena Rehbein. **Do Agenda Setting ao Congresso Nacional: um processo de muitas vias**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/xxi-ci/gt03/gt0304.pdf>> Acesso em: 22 jul. 2002.

SILVA, F. A. Wildemar. **Síntese Direito Eleitoral**. Brasília: Vestcon, 2006

TRAQUINA, Nelson. **O Poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6.ed. Lisboa: Presença, 2001.